

PEÇA TEATRAL: 150 anos de presença das Irmãs Doroteias na história do Brasil¹

Ficha Técnica

Produção: NUCFIRE

Direção e texto: Aderval Farias de Lima²

Assistência de produção: Flavio Renovatto

Elenco

Aline Gomes
Anna Piron
Carla Tatiane de Miranda
Daniele Lima
Danilo Dannti
Dhyanna Lays
Diógenes Santos
Felipe Lima
Jaçson Gomes
João Melo
Marcos Vinícius da Silva
Marina Chagas
Matheus Henrique Souza
Taisa Lima



Foto: Ismael Holanda

Trilha sonora: Aderval Farias, Flavio Renovatto e Vagner Américo

Operação de som: Vagner Américo

Figurino e maquiagem: Alê Carvalho, Danilo Dannti

Cenário: Aderval Farias, Vagner Américo, Danilo Dannti, Marcos Vinícius, Waldemir Netto

CENA I – O SONHO DE PAULA – 1ª PARTE e 2ª PARTE

(O cenário da peça teatral “150 anos de presença das Irmãs Doroteias na história do Brasil” responde à dinâmica de duas formas de modelação em sua arquitetura cenográfica. Numa face, mais ao fundo, reveste a visualização da materialidade do mundo vivido pelas personagens construídas para caracterizar o espírito dos acontecimentos históricos na composição de suas treze cenas. O próprio pano de fundo – a velha cidade de Recife iluminada por uma lua que, por inamistosa, nem contempla sua gente com seu brilho nem descansa sua brancura na harmonia sonolenta de seus casarios mais dados ao comércio que aos cuidados de um comível residencial -, retrata esse ancoradouro de destinos humanos – uns, desde sempre, escudados no poder da moeda; outros, por muito mais tempo, subjugados pela força da moeda; mas muitos outros ainda, animados pela energia da fé. Por isso, aqui nesse verdadeiro ponto de encontro de projetos de mundo, o ponto de partida dessa história se confundirá, propositadamente, com

¹Apresentada no dia 12 de agosto de 2016, no auditório térreo da FAFIRE, Recife-PE, em momento comemorativo dos 150 anos da presença das Irmãs Doroteias no Brasil.

²Professor da FAFIRE e gestor do Núcleo de Cultura da FAFIRE | NUCFIRE | E-mail: jaflima@gmail.com

a trajetória de um projeto de vida. Não é à toa, portanto, que tudo começará com a passagem da cena do sonho de Paula (que é ambientada em um quarto daquela época - um quarto dos anos de 1866-1877 – um grande birô de madeira de lei, uma cadeira Luiz XV em madeira maciça preta, com estofado nobre, tendo ao lado um pedestal de madeira maciça, onde descansa um candelabro). Entretanto, do mesmo modo, não será sem razão que, concomitantemente, situar-se-á o ponto de entrada de uma cena profundamente triste, a saber, a violentação física e simbólica de uma índia, igualmente ambientada numa sala de estar típica dos engenhos pernambucanos no período da economia açucareira – contendo uma mesa com assento, um centro e uma cadeira em estilo colonial, tornados e revestidos em couro pirogravado, um pedestal com uma imagem em barro e um manequim de alfaiate em madeira, tendo um belo vestido talhado à moda francesa recobrando elegantemente, um aparador de peroba rústico, uma lâmpada e quatro candeeiros, um castiçal com duas velas e um tapete vermelho. - Essas duas cenas consagram, por um marco de sentido especialíssimo, o cruzamento de um projeto de vida com a inauguração simbólica de um outro projeto de mundo, agora movido sob o influxo de um modo de ser humano que se deixa guiar pelas exigências da graça do amor de Deus feito projeto histórico. É debaixo desse ângulo que, aliás, os demais contextos e desenhos cenográficos se constituirão. Assim, na sequência da espacialização, na parte oposta do palco, teremos o seguinte quadro cenográfico: a casa das irmãs “Filhas de Caridade” (a sala de estar – com duas cadeiras de madeira trabalhada e duas escrivaninhas em madeira de lei, ao seu lado); a primeira casa das Doroteias, na Rua Corredor do Bispo (a sala de espera - contendo uma estante com poucos livros destinados ao público interessado em temas de educação religiosa, uma mesinha alta, tendo em cima uma imagem de São José, e duas cadeiras acolchoadas com um pufe entre elas). Posteriormente, na frente do palco, pela sua lateral direita, estará ambientada, quase tomando a ribalta, a entrada do Cais do Porto de Roma (de onde saíram as Irmãs Doroteias italianas após a despedida de Irmã Paula) e, pela sua lateral esquerda, a saída do Porto da cidade do Recife – um amontado de sacos empilhados e cordas amarrando barcos. É justamente aqui, nesse campo de passagens e ancoragens que se desenrolará a cena marcante do choque silencioso de duas chegadas: a do negro escravo, desgraçadamente, vindo de terras africanas; a das irmãs italianas, esperançadamente obedientes aos planos de expansão da sua Congregação no Brasil. Aí também vamos encontrar, num plano mais recuado à esquerda, a disposição da senzala, um engradado de madeira, com uma portinhola ao centro, fechada por uma grossa corrente e, lateralmente, um tronco de madeira, usado para amarrar os negros revoltados e aplicar-lhes toda sorte de castigos, com o intuito de discipliná-los para o trabalho animal.)

PRIMEIRO MOVIMENTO – A Índia, o Anjo e o Sonho.

(A peça se abrirá ao som da “Ave Maria Guarani”, de E. Morricone⁴... No espírito melódico desse lamento musical, uma índia entrará violentamente arrastada por caçador de índios. Será entregue ao senhor de terras mais rico de Pernambuco. Na sua sala de jantar,

⁴A música “Ave-Maria Guarani” – composta por Ennio Morricone – encontra-se na trilha sonora do filme “A missão”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VSWWLTqNRoU>> Acesso em: 10 mar. 2016.

a índia será bruscamente despojada de suas vestes e dos vestígios de sua cultura – brincos, colares etc. Em seu lugar, peça por peça, o senhor de terras depositará – como se fosse o aranha enlinhando sua presa - os sinais de seu poder – filho de seu prestígio de classe superior - sobre o seu corpo – um vestido de luminosa maciez, talhado à moda francesa, coberto por uma mantilha de renda - que, por recato, quase lhe cobria o corpo inteiro e deixava apenas os olhos de fora -, luvas longas de pelica e muitas joias finas – com o intuito de, por excesso, não apenas destacar sua distinção social, mas, sobretudo, ostentar a superioridade da sua cultura branca e, com isso, humilhá-la. Por sua vez, a índia, aos poucos, será transformada em uma sinhazinha. Ainda no mesmo movimento, em seguida, se abrirá outro plano de cena com um anjo banhado em luz diáfana⁵, misteriosamente, saindo do quarto de Irmã Paula – em Roma. Segundos depois, pela mesma porta, entrará uma jovem irmã, chamada Carola; Ela vai ao encontro de Irmã Paula que se encontra sentada em sua cadeira, rezando, silenciosamente, o terço de olhos fechados e coração contrito.)

IRMÃ CAROLA: (Com ar filial) – Irmã Paula, trouxe o seu leite! (*Deixa o leite na mezinha de cabeceira e vai ajudá-la a levantar-se. Entrega-lhe o leite. Ela o rejeita.*) Não quer tomar? (*Paula diz com a cabeça que não. Então, fixando-se em sua frente*) A senhora está bem? (*Paula baixa a cabeça e senta-se. Coloca a manta nas pernas.*)

IRMÃ PAULA: (*Sentada, levantando a cabeça*) – Sim! (*A irmã segue com a bandeja na mão*) Por favor, deixe em cima da mesa! (*Sentando*) – Não é nada... só não consigo conciliar o sono!

IRMÃ CAROLA: (*Preocupa-se e se aproxima*) – E por quê?

IRMÃ PAULA: (*Levantando-se com certa energia*) – Ainda estou pensando no sonho que tive! (*Paula observava a irmã que fica parada olhando para ela*) E você, por que não vai dormir?

IRMÃ CAROLA: (*Olhando a bandeja e depois para ela*) – A senhora me deixou curiosa... (*Aproximando-se indagativa, mas com cuidado*) Que sonho foi esse? (*Arremata já meio assustada*) Foi bom ou ruim?

IRMÃ GUIDA: (*Entra no quarto e intrometendo-se abruptamente*) – Por que não julga por si mesma? (*Vendo Paula surpresa com sua chegada e dizendo seu nome baixinho*) Como vê, Paula, eu também não consegui dormir... (*A Irmã Carola faz um pigarro para dizer que está na quarto e ficando impaciente faz um sinal com a mão para dizer que sabe da presença dela*) Eu já entendi, Carola... (*Volta-se para Paula e ela faz com a cabeça que não, mas ela insiste com a cabeça e dispara*) Conte para ela Paula!

IRMÃ PAULA: (*Olhando por um instante para Irmã Guida, relata*) – Está bem... (*Guida faz o gesto com a mão, tentando, com isso, indicar certa ansiedade com a sua demora*) Eu estava aqui (*Olhando para Guida e considerando sua natural impaciência*) Eu estava sentada aqui (*E aponta para o lugar*) essa noite, e creio que cochilei um pouco. (*Foi para junto da janela*) E vi um anjo entrando pela janela. (*Juntando as mãos, já um tanto emocionada*) Ele me disse (*e sorrindo com doçura de voz angélica*)

⁵A música “Padre Nuestro” - versão original com Daniela De Mari – prepara a atmosfera de leveza diáfana no palco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8QxDNHax0a0>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

ANJO em OFF: *(Com voz cordial)* – Tu não querias estender a luz de teu carisma a outros campos de missão?! Pois bem, tuas filhas irão para uma terra distante!

IRMÃ PAULA: *(Levanta-se)* – E por que tão longe, numa terra que não conheço?

ANJO: *(Como se falasse de uma ordem divina)* – Porque teu Deus disse... O lugar de vossas filhas é lá onde houver maiores esperanças de serviço ao Reino de Deus! *(E assertivo decreta)* – Tuas filhas partirão no próximo Natal. No coração daquela terra edificarão uma obra dedicada à evangelização por meio da educação... *(E doce)* – Confia tudo à providência Divina.

IRMÃ CAROLA: *(Interrompendo, levanta-se e, segurando com medo a bandeja, como se fosse uma bengala, vai ao encontro de Paula, ponderando)* - O anjo te disse onde seria?

IRMÃ PAULA: *(Ainda sentada, receando que a jovem irmã ficasse assustada, pois sabe que a mesma tem medo do mar, aponta genericamente)* – Brasil *(Apontando para o mapa na parede)* Em Recife!

IRMÃ CAROLA: *(Curiosa ela não se sustenta)* – É muito longe?

IRMÃ GUIDA: *(Com o tom de pouco tato com sutilezas sem olhar para Carola)* – Por agora basta saber que teremos que atravessar um oceano. *(E voltando sua atenção para Paula)* E quem tu mandarás? ... Já sabes?

IRMÃ PAULA: *(Senta-se com certo cansaço, expõe seu coração)* – Não sei de nada ainda... entende agora por que perdi o sono? *(Pegando o terço na sua mezinha)* – Deixem-me sozinha, pois preciso rezar!

(As irmãs saem conversando. A irmã Carola segurando agora com o incômodo a bandeja e Guida com O Globo que pegou na mesa de Paula.)

IRMÃ CAROLA: *(Dando as costas para Paula logo indaga a irmã Guida)*

– Será que ela vai nos mandar?

IRMÃ GUIDA: *(Olhando para ela sem manifestar preocupação com o que diz)* – Estás com medo?

IRMÃ CAROLA: *(Tergiversando enquanto anda)* – A senhora sabe que esse desafio excede minhas forças!

IRMÃ GUIDA: *(Volta com severidade)* – Mas não serve de escusa... *(Ela para no caminho e é puxada)* Trata-se de um chamado missionário! *(Para e olha a irmã nos olhos com profunda seriedade)* Se ela mandar... nós iremos! *(Carola baixa a cabeça e sorri afirmativamente)*

(As duas irmãs saem pela lateral em direção à coxia. Ao mesmo tempo, a índia, que estava na sala de estar pernambucana, aproveitando-se da saída de seu senhor, despe-se de todos os símbolos da cultura branca e reassume sua verdadeira cultura. E, para manifestar a restauração de sua identidade nativa, dançará no centro do palco em sinal de protesto contra a violência sofrida. Sairá depois pela lateral do palco, movida pelo espírito guerreiro.)

(Logo depois da dança, as Irmãs Guida e Carola voltam com as malas prontas para a cerimônia de despedida. Estarão, agora, no cais do porto da cidade de Roma. Aproximam-se de Irmã Paula – que já as aguardava em silêncio – com expressão no rosto que

é um misto de tristeza e fervor missionário. Logo partirão para o solo brasileiro e, assim, criarão as bases necessárias para realização do grande sonho de Irmã Paula.)

SEGUNDO MOVIMENTO – A Irmã Paula se encontra com as Irmãs Carola e Guida, antes de embarcarem no navio que as levaria ao Brasil.

(Paula está à beira do cais do porto em Roma. As irmãs Carola e Guida chegam com suas malas.)

IRMÃ GUIDA: *(Se aproximando de Paula)* – Irmã Paula, estamos de malas prontas! Temos as passagens e o nome daqueles que encontraremos em Recife.

IRMÃ PAULA: *(Juntando as suas mãos de emoção)* – Minhas Filhas, Guida e Carola... chegaram... Como estão?

IRMÃ GUIDA E CAROLA: *(Juntas, preferem não responder... com receio de deixar a irmã fundadora em uma situação emocionalmente desconfortável. E assim, com voz que envolvia grande consideração filial num laço de pura amorosidade)* – Queremos a tua benção!

IRMÃ PAULA: *(Juntando-as pelas mãos, com ternura maternal, Paula não consegue esconder sua viva emoção)* – Em verdade, estou de coração apertado... vão embora de meu convívio. Mas também me sinto muito alegre... a Congregação vai mais longe... anunciar a causa do Reino! *(Soltando as mãos como se quisesse emocionar-se)* Queria ir também para o Brasil! *(Voltando-se para elas novamente)* O desafio presente é imenso. Vamos educar a juventude! *(Pega as mãos das duas)* Entenderam bem as recomendações que deixei para a viagem? *(As duas concordam assentindo com a cabeça em silêncio. E com a expressão lastimosa, por muito humilde)* Lastimo a pobreza das sugestões... Mas... *(Com a expressão lastimosa, por muito humilde, tira de dentro do breviário uma carta)* Levem isto... Que seja vossa leitura diária... na travessia!

IRMÃ CAROLA: *(Recebe o documento e lendo)* – São tuas ideias para um projeto de educação!

IRMÃ GUIDA: *(Abraçando Paula afetuosamente)* – Tens certeza que escolheste bem?

IRMÃ CAROLA: *(Aproximando-se e pegando suas mãos)* – Ainda receio não estar preparada para essa missão! *(A outra irmã, chorando, abraça Paula também)*

IRMÃ PAULA: *(Saindo do abraço... profundamente comovida)* – As melhores...

IRMÃ CAROLA: *(Balançando a cabeça afirmativamente)* – Queria guardar uma palavra de despedida!

IRMÃ PAULA: *(Olhando para o alto com o breviário nas mãos)* – Na noite daquele Natal, um anjo anunciou-me a mensagem, foi um sonho... Hoje, nesta noite de Natal, especialmente marcante, é um Chamado divino... E minhas irmãs responderam... Eis-me aqui! *(Apresentando o crucifixo que trazia consigo)* Sigam a estrela até encontrar o Deus-Menino! Feliz Natal! *(As Irmãs embarcam no porto de Roma. Corta a cena.)*

CENA II – A chegada do negro e os diálogos epistolares das irmãs italianas (no Brasil) com a Irmã Paula (em Roma)

PRIMEIRO MOVIMENTO – O Negro cativo e a Chegada das Irmãs Doroteias ao Brasil.

(Música, ao fundo, de lamento⁷. O movimento se abre com uma voz, em off, fazendo o anúncio de compra e venda de escravos.)

PRIMEIRO LEITOR: Vende-se uma mulata de 28 anos, com um filho de 3 anos, cor clara, e compra-se uma negrinha de 12 anos. Para tratar à rua Quitanda, nº 20, nesta freguesia.

SEGUNDO LEITOR: Vende-se, por cômodo preço, uma escrava crioula moça e sadia, para tratar-se com o Sr. Antônio Rodrigues Coimbra.

TERCEIRO LEITOR: Vende-se para o mato uma preta da costa, de idade de quarenta e poucos anos, muito sadia e bastante robusta, para o diário de uma casa, no Beco do Largo, nº 12.

(Assumindo o tom de alarme, agora se faz o aviso de uma nota de fuga de uma negra.)

QUARTO LEITOR: Fugiu desta capital a escrava Josepha, pertencente à Dona Baldina Borges Carneiro. Quem a apreender e entregá-la à dona será regamente gratificado.

QUINTO LEITOR: Leitura da Escritura pública de compra e venda, paga e quitação, no valor de 300\$000 réis, que faz Dona Joanna Francisca de Jesus Bacellar, moradora no termo da Purificação, por seu bastante procurador nesta cidade, Antônio Fernandes da Silva, ao Padre Solom Garcia Pedreira, da escrava Maria Francisca, cor preta, idade de 58 anos, solteira, natural do Bom Jardim, sob o nº 4400, no ano de 1870, em atenção aos bons serviços que tem prestado na constância do seu cativo e pelas produções que me tem dado.

(Enquanto isso, concomitante à leitura em off, em outro contexto, um famoso caçador de escravos brasileiro vem trazendo seu novo troféu: um negro aprisionado em terras africanas.⁸ Foi puxado a ferros, qual besta-de-carga, tendo uma corda amarrada ao seu pescoço. A certa altura do caminho, traiçoeiramente, será empurrado contra o chão. Sem se importar com o seu sofrimento, o obrigará a dar sete voltas na “famosa árvore do esquecimento” – que se encontra na parte frontal do palco, entre as escadas, logo abaixo da ribalta – com o intuito de fazê-lo esquecer de seus ancestrais. E, depois, aos pontapés, o embarcará no triste negreiro – de onde seguirá viagem ao Brasil.⁹ Ao mesmo tempo, numa outra margem da história, as Irmãs Doroteias seguem tranquilas sua viagem. Em terra firme, no cais, situado no centro do palco, um negro, sentado com o seu Berimbau, fará o seu toque de lamento. Nesta paisagem suja, entre carroças e sacos de açúcar empilhados, outros escravos carregarão sem descanso os navios que encherão a cidade do Recife das riquezas do comércio marítimo.)

(Num certo momento, sem nenhum cálculo prévio, o barco e o negreiro se encontrarão no porto do Recife. Descerão, praticamente, juntos: o negro e o caçador e as Irmãs Doroteias. Contudo, suas vidas seguirão destinos bem diferentes. As irmãs, por um lado, serão recebidas festivamente pelo Bispo e encaminhadas à casa das irmãs “Filhas da Caridade”.

⁶A música “Matinada” foi composta por Antulio Madureira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1j4rA0ZkgIM>>. Acesso em: 10 mar.2016.

⁷Música instrumental extraída do Álbum “Saudades”- Naná Vasconcelos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XI7ONKSmOml&t=23s>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

⁸Eleva-se a atmosfera dramática com a música instrumental “Vozes” (Saudades) - Naná Vasconcelos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wMXVw2yOL2E>. Acesso em: 20 mar. 2016.

⁹Exibição de um pequeno trecho do vídeo “Navio negreiro - Tráfico de africanos para as américas”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4GPICBD87M>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

É quando ficam entristecidas ao saber, da boca do próprio Bispo, que não terão uma casa para morar. Já o negro, por outro lado, receberá, logo de cara, o soco da humilhação de ser uma coisa de preço negociável. Seu novo senhor, mal descansa a mão do bolso e, por um preço módico, já poderá ter o seu escravo e, com toda naturalidade, surpreendê-lo com um empurrão que o levará escadas abaixo violentamente. Ao pé da escada, por sua esperada resistência, será açoitado. Na sequência, com ele ainda amarrado, o novo feitor investigará de uma forma aviltante todo o seu corpo desnudo, manipulado sem nenhum cuidado, tentando certificar-se da qualidade de sua compra. Neste momento, a sonoridade instrumental que pairava no ar, de repente, será substituída pela música “A carne”.¹⁰ Posteriormente, o negro receberá uma corrente nos pés e será amarrado num tronco do lado de fora da senzala. A música vai baixando até que fica tudo em silêncio.)

SEGUNDO MOVIMENTO – Correspondência epistolar entre as Irmãs Guida e Carola (Recife-Roma) e Irmã Paula (Roma-Recife).

(Nesse ponto, o foco da atenção se volta novamente para as Irmãs Doroteias recém-chegadas à casa das Irmãs “Filhas da Caridade”. Na ordenação do plano cênico, agora, as duas Irmãs Doroteias, preparam-se para enviar as suas cartas à Irmã Paula. Dentro de uma sala improvisada, sentadas em duas cadeiras desconfortáveis, tendo uma pequena mesa para apoiarem as mãos, elas trocam olhares entre si. Uma delas, a Irmã Carola, fica entre o choro miúdo, refém do medo, e o silêncio de quem se mostra apreensivo com alguma situação inesperada, enquanto a outra, Irmã Guida, sustenta-se firme como uma rocha moral. É ela quem toma a iniciativa e, abrindo sua pasta, pegando o papel e a caneta, pensando em voz alta em tudo que pretende escrever para Irmã Paula, relata suas queixas em face da situação nova encontrada no Brasil)

IRMÃ GUIDA: (Com saudade e tristeza e escreve falando em voz alta) – Querida Mãe, Irmã Paula, chegamos bem. Mas ficaremos hospedadas no colégio das filhas da caridade. O Senhor Bispo não destinou uma casa para nós. Não entendemos. Pois, se queria nosso apoio na reforma do clero e da instituição familiar – através de uma ação educativa da juventude feminina –, não vemos razão para não nos oferecer a base de apoio necessária. *(A partir desse instante, magicamente, se fará um elo dialógico entre as Irmãs Doroteias. A correspondência em voz alta, carregada de força expressiva, vai assumir um tom de união íntima que vai ligá-las num só instante do espaço-tempo.)*

IRMÃ PAULA: *(Serena indaga cheia de curiosidade)* – E como está a acolhida nessa casa provisória?

IRMÃ BRASILEIRA: *(Preocupada)* – As irmãs da Caridade já manifestaram ao Bispo que precisarão dos quartos onde dormimos.

¹⁰Execução de um trecho da música “A carne” – na voz de Elza Soares -, fazendo ecoar o grito de protesto do povo negro contra a opressão da cultura branca: “A carne mais barata do mercado é a carne negra”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=knlg0jcTAo>>. Acesso em: 20 mar.2016.

IRMÃ PAULA: *(Consolando)* – Sinto que estejam em tantas dificuldades. Ainda mais numa terra distante. Mas elas passarão, tenho certeza. Recordem que minha viagem para Roma foi também um salto no desconhecido. Um exercício de paciência. Tive grande sofrimento. Até o alojamento foi causa de mortificação. E mesmo assim eu não fiquei ociosa um só momento.

IRMÃ BRASILEIRA: *(Desorientada)* – O que sugere que façamos?

IRMÃ PAULA: *(Propositiva)* – Por que não falamos de novo fraternalmente com o Bispo?

IRMÃ BRASILEIRA: *(Com prontidão de espírito)* – Ele tem esperança de encontrar ainda uma solução para nosso caso. Mas enfrenta forte oposição em tudo!

IRMÃ PAULA: *(Como quem toma conhecimento de uma informação preocupante)* – E qual a razão dessa atitude de oposição?

IRMÃ BRASILEIRA: *(Direta)* – É uma reação em cadeia do clero desfavorável à vinda do Bispo. A maior parte dos padres diocesanos daqui não tem fervor religioso nem zelo pastoral. Quase todos têm se inclinado à defesa do pensamento maçom.

IRMÃ PAULA: *(Ao tomar conhecimento desses fatos graves, entre surpresa e apreensiva, procura acalmá-las de uma forma solícita)* – Diante de vós... eu digo: “Coragem!... Continuai a servir alegremente o Senhor” (C 790,2). Não se preocupem com essa situação. Comunicarei tudo isso ao Bispo tão logo ele esteja em Roma. Até lá, peço obsequiosamente, “Estejamos tranquilas e tenhamos fé: a causa é de Deus e Ele não nos deixará sem auxílio” (C 299,4). Portanto, só guardem consigo o que servir de esperança! E não esqueçam que, por amor do nosso Amor, tudo suportei e me pareceu pouco!

(Enquanto elas escrevem a carta, do outro lado do palco, o negro acorrentado, não suportando as dores do corpo e da alma, vai chorar suas dores. Será, por isso, primeiro hostilizado e, depois, atirado à prisão na senzala. O feitor virá, em seguida, lançando sobre ele palavras ofensivas... perguntando várias vezes, aos berros, se ele estava com fome... enquanto joga em seu rosto o resto da comida que acabara de cuspir.)

(Antes de as Irmãs Doroteias residentes no Brasil responderem à carta que lhe foi dirigida pelas mãos de Irmã Paula – elas ainda seguem no palco, escrevendo cartas em seus diálogos imaginários com Irmã Paula –, em off, os assim chamados “inimigos da fé”- pela obstinada resistência que opunham ao trabalho da Igreja católica - fazem comentários maldosos acerca da situação precária das irmãs desde a sua chegada em Recife.)

ATOR 1: *(Falsamente curioso pela ironia na voz)* – Então as irmãs estão sofrendo muito aqui?

ATOR 2: *(Constatando)* – É certo que passam por situação de penúria. *(Escutam-se risos)*

ATOR 1: *(Gostando do que ouviu)* – O Bispo – aquilo lá – não manda o dinheiro?

ATOR 3: *(Satisfeito)* – Mas o encarregado pelo sustento delas não leva os alimentos. Ou pior...

ATOR 1: *(Curioso)* - Pior?

ATOR 2: *(Deleitando-se)* – Por exemplo, vai no fim da feira e traz o resto que sobra, alguns peixes e frutas estragados.

ATOR 1: *(Acusando a incompetência do Bispo)* – E o Bispo certo que tudo está tranquilo na casa delas. *(Rindo)* É de fato um completo idiota!

ATOR 3: *(Com curiosidade negativa)* – A propósito.... Elas ainda estão na mesma casa?

ATOR 2: *(Conclusivo)* – É!

ATOR 1: *(Constatando com um sorriso de satisfação pelo aparente fracasso do intento das irmãs)* – Não conseguiram mais nada!

ATOR 2: *(Como quem recorda uma informação importante)* – Por sinal, uma casa muito pequena para instalar uma escola.

ATOR 1: *(Vangloriando-se enquanto destila o seu ódio explícito)* – Perfeito.

ATOR 3: *(Com voz vingativa)* – Elas não sabem do que somos capazes!

(Nesse momento, enquanto a Irmã Paula vai encerrando seu diálogo, manifestando, gestual e verbalmente, o seu incômodo com a situação vivida por suas Irmãs Dorotéias no Brasil, do outro lado do palco, perto da coxia, vai se armando o cortejo do maracatu. Escuta-se uma voz, em off, anunciando a alforria de um negro. De repente o negro aparece no palco, tempera a garganta e puxa o cordão enquanto segue fazendo a leitura solene da carta de alforria do seu amigo. Atrás dele, aos poucos, uma música vai contagiando o ambiente. O cortejo do maracatu aquece o ambiente com uma sonoridade forte e festiva. Ele vai passar batucando na rua. Na frente, vai o negro alforriado sorrindo, movendo-se com desembrço, e, ao seu lado, vão seus amigos, vestidos em seus trajes esfarrapados, mas sem perder a galhardia, igualmente contentes, dançam em sua homenagem. Todos seguem para o cais do porto do Recife. Lá descansa o navio que levará o negro liberto de volta para sua verdadeira casa – a Mãe-África.)

(Momento da passagem do Maracatu “Leão da estrela”¹² e as ofensas públicas dirigidas ao negro alforriado.)

Leitura da Carta de Alforria:

Ilm^o. Ex. Sr. Presidente da Província de Pernambuco.

Por minha expressa vontade afirmo que Rosendo Vasquez da Costa, há 50 anos ausente da sua terra natal, Angola, do qual viera para esta Capital como escravo e trabalhando com excessivas forças, pode ao cabo de 45 annos, conseguir juntar a quantia de 150\$000 reis em dinheiro para realizar o seu mais ardente desejo — a liberdade, desejando agora ir para o seio de sua família, da qual se apartara ainda criança.

Nesses termos, por ser verdade, firmo o presente documento em março de 1876.

Manoel Tibério dos Reis

(Quando o cortejo chega ao cais, já no começo da noite, o negro alforriado será recebido com improperios vindos de homens brancos que fazem negócios nas redondezas.)

HOMEM BRANCO I: *(Com voz de enfado)* – Vai desta terra que nunca foi nem será tua!

¹¹Todos os negros presentes no cortejo dançam e cantam alegremente ao som de um trecho da música “Maracatu” - Alceu Valença. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6pZcmiXmc00>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

¹²Execução de um trecho da música instrumental “Zumbi” - Naná Vasconcelos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=in3EtUrb-ZU>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

HOMEM BRANCO II: *(Com voz ácida apontando para o negro tocado pelo ódio racial)*
– Não queremos mais africanos... *(Olhando para seus pares)* trouxeram ao Brasil seus “maus hábitos” e “vícios”... Deus nos livre de suas danças, músicas e religiões diabólicas.

HOMEM BRANCO III: *(Atrevido, chega mais perto, e com a expressão de asco na face)* – Sai daqui, negro fedido. *(Olhando em derredor)* Não queremos o seu trabalho! O branco é melhor!

HOMEM BRANCO I: *(Curioso, ironizando)* – E por quê?

HOMEM BRANCO III: *(Rindo, em tom de pilhéria)* – É “menos preguiçoso” do que o negro. *(Neste foco de tensões em alta, enquanto o negro alforriado embarca no navio da libertação, outro negro, sentado num velho caixote de madeira no cais do porto, toca em seu tambor uma música de despedida.¹³ No fundo é a saudade de sua terra em forma de música – a música que emana dos tambores de Angola. Depois de alguns segundos, essa atmosfera levemente coberta pela tristeza é dissipada. O grupo do maracatu se desfaz e tudo volta à rotina do trabalho escravo no cais.)*

(Neste prolongamento, o foco de atenção, uma vez mais, volta à casa das irmãs “Filhas da Caridade”, onde a Irmã Guida começa a escrever a última carta dirigida à Irmã Paula, desta feita, com ânimo alegre, dando conta de mudanças promissoras na situação anteriormente relatada.)

IRMÃ GUIDA: *(Alegre)* – Querida mãe, escrevo essa carta para tranquilizá-la. O senhor Bispo é como um pai para nós. Vamos morar numa casa da rua Corredor do Bispo. Afastamos todas as dificuldades para nossa boa superiora, ainda que ela sempre encontre tantas. Com felicidade vemos que as nossas alunas se adaptaram bem ao nosso regime colegial. Decerto, isso é fruto de tuas intuições pedagógicas. Temos a nossa primeira vocação religiosa brasileira, Maria Francisca Ramos.

(Enquanto isso, as irmãs farão a mudança para a primeira casa –perto do antigo Palácio Episcopal -, que se encontra mais ao fundo do palco, no seu lado esquerdo. Num movimento de grande agilidade, conversando entre si, levarão apenas as malas que trouxeram de Roma.)

CENA III – A visita de Irmã Paula à primeira vocação brasileira e a dança do negro em sinal altivo de rebeldia

(Neste movimento, teremos dois núcleos de concentração no palco: de um lado, a Ir. Guida escrevendo a carta – ao mesmo tempo em que vai lendo-a em voz alta –, anunciando a primeira vocacionada brasileira; do outro, a Irmã Paula, vai sair de seu quarto – em Roma - e vai visitar a jovem no exato momento em que ela vai se posicionando junto à fonte que existia na casa da Rua do Corredor do Bispo. Irmã Paula – agora assumindo o papel de Irmã Paula Formadora – entrará em cena para conversar com a nova vocacionada – Vocacionada Ana.)

¹³Execução de um pequeno trecho da música “Movimento da Vida e da Morte: Obaluaiyé” - Um Quê de Negritude. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DJcx__SMug>. Acesso em: 20 mar. 2016.

PAULA FORMADORA: *(Depois de um abraço afetuoso, pergunta maternalmente alisando seus cabelos)* – Ah! Minha cara Maria? *(E segura suas mãos, como quem naturalmente prepara uma nova pergunta em sequência)*

VOCACIONADA MARIA: *(Alegre e sem jeito, encontra doçura)* – A senhora quer falar comigo?

PAULA FORMADORA: *(Olhando em seus olhos e balançando a cabeça afirmativamente)* – Então queres ser uma Doroteia? *(E senta-se)*

VOCACIONADA MARIA: *(Segura de si e sentindo cada letra sair-lhe da boca gostosamente)* – Sim! *(E já levando na voz uma ponta de preocupação, um pouco pela circunstância da visita surpresa, um pouco também pelo modo como sentiu a pergunta chegar aos seus ouvidos, parecendo um teste sem prévio aviso)* A senhora não aprova? *(E baixa a cabeça)*

PAULA FORMADORA: **(Com sinceridade sutil de quem não pretende deixar nenhum embaraço na fala, levantando sua face pelo queixo, mansamente)** – Isso dependerá em tudo das motivações de teu propósito.

VOCACIONADA MARIA: *(Adiantando-se, eleva a cabeça e coloca seus olhos fixos nos olhos de Irmã Paula, e sem tremer a voz)* – Meu coração está limpo!

PAULA FORMADORA: *(Com firmeza espiritual de quem sabe o que deve esperar de suas futuras filhas, aclara)* – Mas isso não basta. *(E pedindo que se sentasse ao seu lado)* Preciso saber ainda por que queres ser uma Doroteia.

VOCACIONADA MARIA: *(Senta-se e, emocionada, pegando suas mãos afetuosas como quem acabou de sair de um desconcerto momentâneo e encontrou-se segura com seus sentimentos, revela)* – Quero ser educadora do Evangelho!

PAULA FORMADORA: *(Com paciência maternal, retoma sua atitude de indagação criteriosa, sem perder a suavidade)* – Escolheste a melhor parte! *(E segurando suas mãos como a querer que se sentisse reconhecida em suas intenções)* E bem sei do ardor de tua fé *(E como quem após a escuta respeitosa precisa ensinar solícita)* Mas há muitos modos de anunciar o Evangelho... *(Maria tenta olhar para o outro lado e ela a chama para o seu campo de visão, tocando seu rosto delicado)* Podes me dizer o que viste de especial em Paula... para querer ser uma de nós?

VOCACIONADA MARIA: *(Resoluta, levanta-se e surpreende pela força moral de sua convicção, e olhando para longe, em outra direção, parecia desenhar a paisagem em sua mente)* – Bastou viver entre todas nesta casa e logo me encantei. O espírito de família, a simplicidade do serviço e a espiritualidade da alegria! Eis uma resposta maravilhosa ao Evangelho. Estou entusiasmada! *(E volta a olhar para Irmã Paula)*

PAULA FORMADORA: *(Inclinando-se sobre ela com a firmeza necessária de quem sabe o que procura numa vocacionada)* – Maria, sabes que tens que deixar tudo para se entregar à missão? *(Procurando seus olhos com discrição)*

VOCACIONADA MARIA: *(Depois de olhar contrita para o céu, parecendo ouvir alguma música angélica, sorrindo para Irmã Paula, ela confirma sua escolha vocacional)* – A jura de amor que eu fiz ao meu Deus me fez entregar tudo o que tenho e sou!

PAULA FORMADORA: *(Impressionada com a maturidade espiritual da jovem, indaga curiosa)* – Olha para mim e me diz como foi deixar tudo.

VOCACIONADA MARIA: *(Recua, com ar de reflexão)* – Confesso que foi muito difícil sair de casa. Enfrentei muitas barreiras com a família. Principalmente com minha mãe. Ela não queria que eu fosse freira. *(Baixa a cabeça.)*

PAULA FORMADORA: *(Levanta a cabeça dela pelo queixo com todo cuidado)* – E valeu a pena todo esse sacrifício?

VOCACIONADA MARIA: *(Convicta, deixa sair um sorriso enquanto olha para cima)* – Faria tudo de novo e sempre. Eu me sinto chamada por Deus. *(Olhando para ela, procura suas próprias mãos para juntá-las)* O caminho de Paula será o meu caminho!

PAULA FORMADORA: *(Levantando-a, recorda-lhe com firmeza o fundamento do chamado da vocação religiosa de suas filhas)* – O caminho de Paula, Maria, é o caminho de Cristo!

VOCACIONADA MARIA: *(Visivelmente contrariada, como a esperar que Irmã Paula lhe mostrasse a peça que faltava em seu quebra-cabeça mental, dispara ansiosa)* – É isso que me falta?

PAULA FORMADORA: *(Como a pretender que ficasse sozinha para pensar na conversa, vai saindo e, olhando para trás, aponta para o crucifixo que Maria trazia em seu peito)* – Pega tua cruz e O segue!

(No mesmo movimento, depois que a Irmã Paula participa da visita à primeira vocacionada e volta para o seu quarto – em Roma –, junto da coxia, no mesmo passo, as Irmãs Doroteias começarão a fazer suas malas para, às escondidas, residirem em novo endereço: o casario abandonado da Soledade, que Dom Manoel havia alugado. Na mudança, levarão apenas os utensílios básicos e, por isso, terão que improvisar quase tudo na primeira noite – desde o lugar para dormir até a proteção de portas e janelas. Começam a arrumação do lugar, muito sujo e desorganizado. Pegam umas mesas velhas que foram usadas na reforma dessa casa por ordem do Bispo e botam nas janelas. Cruzando essa mudança, do outro lado do palco, lá no cais do porto, ao mesmo tempo, o feitor vai pegar o escravo para levá-lo ao trabalho.¹⁴ Prende em seus pés uma corrente para puxá-lo dali. Quer levá-lo, qual bicho-presos, ao navio que se encontra atracado, abarrotado de café.¹⁵ Mas o negro, agora, sentindo-se humilhado, não quer mais aceitar a corrente.¹⁶ E, indignado, vai enfrentar o feitor com sua dança em homenagem a Xangô.¹⁷ A dança durará o

¹⁴Música instrumental de preparação “Africadeus” – áudio extraído de um trecho da apresentação ao vivo de Nana Vasconcelos em Roma (1983). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1XhliUrBall>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

¹⁵Inicia-se, aqui, a composição da atmosfera de manifestação do negro revoltado com o áudio editado. Primeiro com um trecho da Cantiga de Xangô do projeto Axé Orixá, part.1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UvF3u6j-2q4>>. Acesso em: 25 mar. 2016. E, depois, com um trecho da música “Batuque para Xangô” – domínio público.

¹⁶Música de preparação “Movimento do Fogo, Pedreiras e Tempestade: Xangô” – áudio extraído de um pequeno trecho da abertura do Espetáculo “Batuques e Tambores: O canto da senzala” (2013) - Um Quê de Negritude. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M1KfQOXzHEw>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

¹⁷Música “Xangô dançando” – áudio extraído de um pequeno trecho do espetáculo “Auto dos Orixás”, na comemoração do Dia da Consciência Negra – com o Ateliê de Nai Gomes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IGoISjR-FqKg>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

tempo necessário para que se termine a arrumação do casario. Na sequência, depois que todos os objetos revirados estiverem mais ou menos arrumados, um trabalhador braçal seguirá tocando a reforma contratada pelas irmãs.)

(Ao terminar a dança, o negro, cheio de vitalidade, fugirá pelo lado esquerdo do palco¹⁸.)

CENA IV – O diálogo sobre a revolta popular e a presença dos inimigos da fé

(Já no casario totalmente reformado, dentro da sala de estar, a Irmã Armínia, muito tranquila, está sentada numa pequena cadeira confortável, com seus pés encostados num puf acolchoado, lendo jornal. Sem mais, aos gritos, entra Irmã Rita, muito assustada.)

IRMÃ RITA: *(Entra assustada)* – Irmã... Irmã... Irmã... pelo amor de Deus... Acabo de chegar da casa do Bispo. *(A irmã segue lendo o jornal compenetradamente. É quando ela aumenta o volume de seus gritos e os gestos de puro nervosismo)* Irmã Armínia? Irmã Armínia *(Vendo que a Irmã se mantém imóvel, baixando a voz envergonhada, embora sem conseguir manter-se quieta, vai mais para perto da cadeira e tentando tocar no seu ombro)* Ir... m...ã...Ar...minia? *(Tocando com mais força para preveni-la do perigo iminente)* Irm...ã...Ar...minia? *(E toca duas vezes em seu ombro)*.

IRMÃ ARMÍNIA: *(Lendo o jornal despreocupadamente com uma personalidade dura como uma rocha)* – Sim, Irmã Rita. *(Sem esconder o seu incômodo com aquela pequena cena lamentável de medo infantil)* E estás a ponto de colocar a coração pela boca! *(Ela segue nervosa torcendo as mãos e não para os pés quietos)* Por que isso? *(Olha com ar de reprimenda e baixa a cabeça)*

IRMÃ RITA: *(Desconcertada e nervosa, entre um pé e outro)* – Então a senhora não sabe?

IRMÃ ARMÍNIA: *(Seca e concentrada no jornal... devolve sem olhar para ela... com a voz aborrecida)* – Se estou perguntando, não é?

IRMÃ RITA: *(Vem para junto dela e quase cai em seu colo)* – Está a maior agitação lá fora. *(Ela mesma ainda um tanto quanto agitada)* O povo está na rua contra o Bispo.

IRMÃ ARMÍNIA: *(Sem manifestar a menor curiosidade, e afastando-se com a expressão de desaprovação)* – E? *(Faz-se um breve e pesado silêncio entre elas, é quando então ela repreende sem assustar-se em nada)* Se estivesse atenta aos fatos, dirias. *(Pontuando com a expressão franzida na testa)* Os maçons!

IRMÃ RITA: *(Reflui sem graça e declara-se agora mais embaraçada do que nervosa)* – É... isso... me expressei mal! *(Baixa a cabeça e já se lhe nota sair um pequeno ensaio de choro)* Me desculpe!

IRMÃ ARMÍNIA: *(Ajeita-se na cadeira sem esconder a sua impaciência com aquela demonstração ingênua de tibieza numa irmã tão jovem)* – E o que querem dessa vez *(Carregando na expressão da voz)* esses inimigos da fé?

IRMÃ RITA: *(Pegando o hábito ainda assustada... procura falar na sua direção sem, contudo, cruzar com seus olhos)* – Não sei direito, mas já quebraram tudo no colégio dos jesuítas.

¹⁸Ao final da dança, enquanto o negro foge, será exibido um pequeno trecho do vídeo “Pretinho: eu não posso ficar aqui”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fj8BCmeUTO0>> Acesso em: 24 jun. 2016.

(Em off, naquele momento, na portaria da casa, começa a instalar-se um pequeno caos, quando a Irmã Ludmila toma conhecimento da agitação política que toma conta de Recife.)

IRMÃ LUDMILA: *(Fala com medo na voz) - Irmã Firmina, venha logo. (Acenando fortemente com os braços para indicar o lugar onde estava na casa). Aqui na portaria! (Aumentando o volume da voz nervosa) Irmã Jandira disse que estão queimando a sede do jornal católico! (Lá do fundo da casa, na cozinha, escuta-se um lamento “Santo Deus!”, vindo de uma voz claramente de pessoa idosa, e, em seguida, num som de voz abafada, vindo de dentro da casa também, alguém fala da necessidade de tomar providências urgentes “- O que vamos fazer minha Nossa Senhora?!” E segue-se, depois, o som de passos numa movimentação confusa de pessoas)*

IRMÃ ARMÍNIA: *(Em meio a essa desordem que lhe chega aos ouvidos, coloca uma mão na outra e contrita fecha os olhos e baixa a cabeça, e segurando o crucifixo, pesarosa, suspira) – Meu Deus! Até quando? (Quando abre os olhos, nota que a Irmã Rita está ainda ao seu lado, com as mãos na boca e cheia de nervosismo) E o que faz essa estátua com a mão na boca, Irmã Rita? (Percebendo que, ao tirar a mão da boca, tentava esconder o choro, tomada pela vergonha, insiste com energia) Fale! (Não vendo resposta, então, como quem pretende, aos solavancos, tirá-la de uma espécie de paralisia provocada pelo medo, altera a voz) Fale mulher, não tenho coração para tantos abalos nervosos.*

IRMÃ LUDMILA: *(Quase imóvel depois que havia tirado a mão da boca... descansando as duas mãos embaixo do rosto... contorna desajeitada) – Receio que eles estejam vindo para a Soledade. (E como alguém que de repente se apercebe de um perigo iminente, desaba apressada) Meu Deus! Eles vão invadir nossa casa.*

(Neste instante, em off, escuta-se, ao longe, o som rumoroso de gritos de protestos e de vidraças quebradas a pedradas. Invade o palco um clima de inquietação, dando a entender que, lá fora, os revoltosos seguem em marcha e, pelo caminho, não deixarão nada inteiro. Alguém com voz firme, raivosa, puxa uma espécie de grito de guerra: “Esses católicos vão sentir o peso da crítica à sua mentalidade reacionária!”)

IRMÃ ARMÍNIA: *(Ouvindo isso e ainda sentada em sua cadeira, deixa cair o jornal sobre a mesinha que tinha ao lado e inquieta-se) – Bom Deus, já não bastam os problemas que temos com a outra peste?*

IRMÃ RITA: *(Indo ao seu encontro, por percebê-la, agora, sensibilizada, querendo suas mãos, procura uma luz para agir prontamente) – Irmã, devemos fugir?*

IRMÃ ARMÍNIA: *(Fazendo o sinal da cruz com grande fervor religioso, se posta estoicamente numa posição) – Não sairemos de casa. (E repreendendo com certa dureza a irmã que choraminga) E já podes parar o choro! (Ela praticamente o engole) Temos irmãs doentes. (Ainda sentada ajeitando o lenço de cabeça) Se ficarem assustadas, aí sim vai ter confusão nesta casa. (Para e, olhando para Irmã Rita) Portanto (Marcando bem a pronúncia irritadíssima) vamos ficar tranquilas. O senhor Bispo tomará as providências cabíveis. (Saindo com ela, ombro a ombro, sentencia como quem afirma uma ordem direta) Agora*

vai e avisa a todas que estaremos na capela! (*Segurando seu braço com força*) Unidas em oração! (*Saem.*)

CENA V – A homenagem à Irmã Cícera

(*Em seguida, recortando outro momento da história, a Irmã Paula atravessará o palco para, visivelmente emocionada, encontrar-se no hospital onde estava internada a Irmã Cícera, vítima de câncer em estado terminal. Debruçada sobre uma cadeira de balanço vazia, instalada bem perto da ribalta, simbolizando a presença-enferma da Irmã Cícera, ela faz uma homenagem na forma de um tocante diálogo imaginário. Ao fundo, preparando a atmosfera psicológica, se pode escutar a “Ave Maria” – com a voz de Olga Szyrowa.*¹⁹

IRMÃ PAULA: (*Olhando para a cadeira de balanço vazia – a representação de uma ausência solitária sentida, ela se aproxima ainda mais, e de joelhos, com voz doce e fraternal*) – Filha, não foste à festa hoje. (*Ajeita o cabelo imaginário da irmã enferma*) Ora, que festa!? (*Recolhe um dos braços*) A inauguração do nosso colégio São José. (*Com ênfase de alegria*) Mais uma obra para a Glória do Reino. (*Muda o tom de voz para surpresa*) Quem sou eu? (*Maternal*) Ora, pensei que reconhecerias minha voz. Já conversamos tanto! (*Com alegria, com o intuito de trazer-lhe força*) Irmã Paula! (*Arrumando o seu cabelo novamente*) Estás surpresa? (*Colhe suas mãos, e segurando com delicadeza*) Calma. (*Como quem tenta impedir que faça um movimento desnecessário*) Não... precisas levantar... Sim! (*Concordando fraternalmente*) Eu sei que estás muito doente²⁰ (*Balançando a cabeça afirmativamente*) Sei o que é! (*Aproxima-se de seu ouvido*) Por isso estou aqui no hospital (*Afastando-se*) Como eu soube? (*Segurando firme suas duas mãos*) Pela via do coração estamos unidas. Eu cuido de minhas filhas! (*Soltando-as com vagar*) E também queria te animar (*Colocando o rosto de um lado como para ouvir melhor*) O quê? (*preocupa-se*) Mas, por que queres desistir? (*Baixa a cabeça e emociona-se*) Não suportas a dor! (*Aproxima-se e surpreende-se ainda com os olhos cheios de água*) A procissão? (*Demora-se brevemente, e com voz agora embargada, reconecta*) Ah! Foi linda! Tinha muita gente piedosa (*Voz agora embargada*) Cantamos e louvando em família. (*Suspira com o choro*) Devias vê-la da janela. (*Voz sumida*) Ficarias mais alegre. (*Aproxima-se e com aquela voz entre o riso e o choro miúdo*) Eu sei, não te preocupes. Como podias? Tão fraca. (*Enxugando as próprias lágrimas*) Estás cansada? Os remédios! (*Levantando-se e frontalmente alisa seu rosto*) Em tuas orações me pediste o conforto. (*Pegando seu queixo e olhando bem no fundo de seus olhos*) Estás segura de tua escolha? (*Pergunta com amabilidade*) Cícera, queres voltar à casa do pai? É isso? Então recebe minha benção

¹⁹Na trilha dos primeiros movimentos da cena, aos poucos, a atmosfera dramática será tomada pela leveza musical da “Ave Maria” – com Olga Szyrowa (Sopran Pasja Passion of the Christ). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4WQQby1N878>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

²⁰Entrada suave de um trecho da música “Hymne à la Sainte Vierge – Acatistos” – de Sœur Marie Keyrouz –extraída do DVD “A Voice For Peace”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yjbV7EVdlhQ>. Acesso em: 16 mar. 2016.

(Abençoa e vai saindo de volta ao seu quarto. Segue bem devagar com as mãos postas envoltas num terço em oração.)²¹

CENA VI – Aula na FAFIRE – CENA VI - A leitura da carta de fundação da FAFIRE e homenagem à Irmã Escobar (aula na FAFIRE).

PRIMEIRO MOVIMENTO – A leitura da carta de fundação da FAFIRE.

(Na sequência, Irmã Paula volta para o seu quarto em Roma. No centro do palco, destaca-se agora um conjunto de ambientes que materializam o funcionamento da Faculdade. Primeiro, a sala de dança clássica. Com uma grande barra servindo de divisor de água com a sala de aula do Curso de Pedagogia. Nela, a profa. de Ballet Clássico Margueritte Dabadie acompanha com rigorosa disciplina o exercício na barra, da aluna Marta Silveira. No mesmo compasso, Irmã Paula, ao chegar em seu quarto, encontra a Irmã Luize Manelli com uma carta em suas mãos.²²)

IRMÃ LUIZE MANELLI: *(Sem cerimônia)* – Boa noite, Irmã! Uma carta para a senhora. É das Irmãs do Brasil!

IRMÃ PAULA: *(Coloca a mão no peito, com visível ansiedade, adianta o passo)* – Ai, meu Deus! E quando chegou?

IRMÃ LUIZE MANELLI: *(Sem entender tanta agitação)* – Hoje, pela manhã.

IRMÃ PAULA: *(Cheia de curiosidade, olhando para a carta)* – E por que não me chamaram?

IRMÃ LUIZE MANELLI: *(Falando em sua defesa um pouco como quem perde a graça)* – Mas nós procuramos a senhora para avisá-la! *(Faz uma pequena interrupção de receio)* Mas foi...

IRMÃ PAULA: *(Quase monologando em baixa voz, interrompe)* – Poderoso Deus *(Cruzando as mãos)* Será que é a carta que eu tanto espero? *(Olhando demoradamente a carta na mão da Irmã Manelli)*

IRMÃ LUIZE MANELLI: *(Sem saber do que se tratava, esclarece ingênua indicando o lugar)* – Aqui diz que é uma carta especial. *(Entrega a carta)* Vou buscar um abridor de cartas.

IRMÃ PAULA: *(Ela não espera por nada e vai logo rasgando a carta com as mãos trêmulas e abrindo já com o rosto irradiando alegria. Mal põe os olhos nas primeiras linhas e começa a entusiasmar-se num generoso sorriso)* – É ela. *(Suspirando com a carta nos braços ela se enche de uma profunda emoção e, reposta, manda Irmã L. Manelli chamar todas as Irmãs que moram com ela)*

(Não demora muito e a Irmã Manelli chega com duas outras irmãs assustadas na porta de seu quarto.)

²¹Entrada de um trecho da música “Juras de amor” – Pe. Jonas Abib. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7tCir-N8HhhM>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

²²Escuta-se, ao fundo, a melodia afável da música “Inna-l-Malak” - de Soeur Marie Keyrouz (Chants Sacrés Melchites, Hymnes à la Vierge). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aZobCzVhCCE>>. Acesso em 16 jun. 2016.

IRMÃ LUIZE MANELLI: *(Ainda ofegante) – Venham, venham... ela está aqui... (As irmãs entram com toda pressa)*

IRMÃ PAULA: *(Irmã Paula dispara sem deixar espaço para perguntas) - Irmãs... Irmãs... Enfim notícias de alegria... (Senta-se em sua cadeira no quarto) Entrem, entrem... venham para cá... Tenho novidades maravilhosas... (E começa a ler a carta com voz recordada de alegria)*

IRMÃ LUIZE MANELLI: *(Depois de ouvir atentamente a leitura da carta e ainda cheia de alegria, reflete) - Agora, se a conheço bem, vai sentar-se para escrever uma longa e carinhosa carta às nossas irmãs no Brasil... (Paula sorri afetuosamente concordando e todas se juntam no mesmo espírito de contentamento.)*

(Em seguida, Irmã Paula levanta-se de sua cadeira e vai para sua mesa no mesmo quarto.)

IRMÃ PAULA: *(Já em sua mesa, com o rosto coberto de esperança e com gestos firmes de jovialidade, escreve) – Amadas Filhas do Mundo inteiro, recebam todas um abraço cordial da parte de suas Irmãs Doroteias do Brasil, em Recife, terra cheia de sol! Neste natal de nosso Senhor Jesus Cristo, do ano de 1940, quero comunicar uma notícia alvissareira para toda a Igreja. Graças aos esforços incansáveis da intrépida Madre Cesari, mulher de grande visão e capacidade de iniciativa, em março do próximo ano, dos olhos de nossa Congregação nascerá a FAFIRE – campo missionário de evangelização da juventude feminina por meio da educação.*

(Faz-se um clima de verdadeira festa. Elas se dão as mãos na mesa. Tudo isso sem dizer mais nenhuma palavra. É quando, em meio a toda essa explosão de alegria, soa o alarme. Essa parte do palco se apaga. Imediatamente, se perde a visão do quarto da Irmã Paula em Roma. E, ao mesmo tempo, na parte central do palco, um pouco mais ao fundo, inaugurar-se-á um ponto de luz. E dentro dele vai se revelar um espaço bastante familiar da FAFIRE, o espaço de uma sala de aula - aqui no Brasil.²³ Precisamente, tudo se mostra como se as alunas estivessem terminando uma aula de dança clássica. E, depois, dando um passo mais à frente, assumissem novas posições, agora numa sala de aula do Curso de Pedagogia. Avista-se, nesse desenho de espaço, um pequeno birô com uma cadeira atrás dele, um quadro negro completamente limpo e algumas cadeiras enfileiradas. No mesmo compasso, apenas duas alunas se destacam do grupo e sentam-se em silêncio. É quando se aproxima a professora Irmã Floresmar das Neves. Ela entra com um sorriso nos lábios e assume o seu lugar, sentando-se na cadeira que está posta atrás do birô. Olha para o relógio e folheia um livro em visível compasso de espera. Nisso, sem dar aviso, a aluna Maria Bernadete Lopez passa atrás dela e senta-se em sua cadeira, quase derramando seus pertences ao chão. Atrasada, como rotineiramente acontece, chega a aluna Marta e, sem incomodar-se com os ruídos que saem de seus sapatos atritando o chão, senta-se distribuindo seus famosos beijinhos – não era novidade, posto que todas já sabiam tratar-se de uma aluna muito afetuososa. Na luz desse entroncamento, agora, de

²³Projeção no pano de fundo de um trecho vídeo “Educação e Transformação” - Paulo Freire. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6c'RapBN7U&t=40s>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

um lado está a professora Irmã Floresmar das Neves, professora do cadeira de “Educação popular” e, do outro, destacadamente, duas alunas do Curso de Pedagogia, a saber, as alunas Maria Bernadete Lopez – uma apaixonada por crianças que deseja ardorosamente especializar-se em educação infantil – e Marta Silveira Lemos -, cujos dotes especialíssimos para dança clássica eram reconhecidos por todas as alunas na FAFIRE. Durante a aula de “Educação Popular”, a profa. Irmã Floresmar faz uma chamada para a importância da cultura popular na formação do pedagogo humanizado, e isso, curiosamente posto em perspectiva, desperta na aluna Marta uma grande curiosidade sobre como seria dançar de acordo com aquela forma de percepção da vida.)

SEGUNDO MOVIMENTO – A homenagem à Irmã Escobar (aula na FAFIRE).

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: *(De braços cruzados, de frente para as alunas, ela começa com pouca solenidade a primeira aula) - Bem-vindas ao primeiro dia de aula do Curso de Pedagogia da FAFIRE. (Soltando os braços com tranquilidade) Sou professora Floresmar... Irmã Maria Floresmar das Neves, nascida na cidade de Serra Talhada – Ser-tão de Pernambuco, formada em Pedagogia, na cidade de Roma – Itália. (Andando de um lado para o outro) Neste período, iremos refletir sobre a Educação no Brasil. Para mim esse é um tema cativante, desde o meu Mestrado até o meu recente Doutorado. (Para e olha nos olhos da aluna Marta) Justamente porque me recorda o lugar de desprestígio que a cultura popular ocupa neste cenário. (Recolhe em suas mãos um livro de P. Freire e abrindo numa página previamente marcada faz uma citação com voz pausada) Segundo A.F. Lima, “A educação no Brasil pouco avançou no diálogo com a cultura popular. Não somente nega a inclusão de seus conteúdos, como também o modo de educar dos seus elementos. Assim, as características desse modo de fazer educação obedecem à metodologia de ensino da ciência moderna. Por isso deixa à margem outros saberes e outros parâmetros de racionalidade.” (Vai fechando o livro para continuar sua reflexão.)*

ALUNA MARTA: *(Levanta a mão para tomar a palavra, e recebendo o consentimento) – É nesse contexto que trabalharemos a pedagogia da conscientização de Paulo freire.*

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: *(Concordando, sem esconder seu entusiasmo) – Isso mesmo, Marta. Mas, antes, preciso fazer uma articulação importante. Tomemos um trecho do romance “Como fizeram meu boi”.*

ALUNA BERNADETE: *(Curiosa, quase pensando em voz alta) – Eu não acredito. (E num voz que vai subindo) Lá vem ela com literatura de novo. Não seria melhor começar pela teoria dele? Eu não tenho tempo para...*

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: *(Antecipando-se, vai para junto dela e atravessa a sua voz com uma ironia fina, porém agradável) – Eu ouvi, senhorita Bernadete. (Ambas sorriem gostosamente e ela pontua bem longe do tom professoral) Não se preocupe. Tenho certeza que será uma digressão imperiosa!*

ALUNA MARTA: *(Estranhando também consigo mesma, chama a professora que mal saía de seu sorriso) – Professora, por favor?*

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: *(De onde está, sustentando-se no tampo da cadeira, olha para Marta com o propósito de atendê-la atenciosamente)* – Pois não, fale! Sou toda ouvidos *(E sorri desarmada)*

ALUNA MARTA: *(Sem esconder sua surpresa)* – Que título estranho para começar a falar de educação!

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: *(Aproxima-se dela com energia e, apontando para rua, questiona sua observação)* – Olhe lá fora... *(E insiste que olhe na direção de seu dedo)* a senhorita sabe como educam nossa gente pobre!

ALUNA MARTA: *(Curiosa e um tanto receosa, procura recostar-se na cadeira)* – Não, não senhora!

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: *(Aproximando-se dela dispara contundentemente certa)* – Fazendo boi manso! *(Dando a volta para ficar atrás dela e segurar seus ombros enquanto assume um ar de certa tristeza)*

ALUNA MARTA: *(Recuada na cadeira, sente o incômodo da professora, e interroga tomando todo cuidado)* – E como se faz isso?

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: *(Vai para junto do seu birô e, pegando o livro marcado em suas páginas por cartões natalinos antigos... ensina... quase como quem fala apenas para si mesma)* – No engenho de cana, um boi velho é colocado junto com outro novo na moenda. O velho boi faz o caminho de costume, rodando. O outro resiste ao movimento circular. Estranhamente, não há luta ainda que o segundo queira impedir o outro de girar. Depois coloca o outro novo boi e tira aquele velho. De início, o último reluta. Mas depois aceita a canga. O propósito é trocar as mudas de boi sem parar de moer a cana... *(Olhando para ela, intencionalmente, muda a voz para grave)* A senhorita pode fazer isso com os seus alunos?

ALUNA MARTA: *(Dispara sem pestanejar)* – Meus alunos não serão bois, muito menos manso!

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: *(Considerando a resposta com ar crítico, olhando para ela enquanto abre o livro que trazia nas mãos e, encontrando a citação que procurava, arremata, procurando alertá-la)* – Vejo que seu futuro não terá dias fáceis pela frente. *(E sintonizando intelectualmente com a aluna, ri afetuosamente)* Mas vai ser bom combater o bom combate, como afirmava São Paulo, pois...

ALUNA MARTA: *(Atravessando a palavra da professora, e devolvendo o riso com uma cumplicidade explícita)* – Assim a senhora me assusta, e não me ajuda em nada a terminar o Curso!

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: *(Assumindo uma expressão fácil de seriedade repentina, esclarece sem rodeios)* – Ora, minha cara Marta, “Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica.” *(Saindo da sala, pegando no ombro da aluna)* Não é por outro motivo que eu digo que não deixarão você em paz. *(Recompondo-se, e com uma expressão mais leve, arremata querendo deixar uma espécie de alerta)* Como se pode observar... e com isso estou voltando ao meu

ponto de argumentação inicial nesta aula de hoje... a identidade de nosso povo não pode estar no que faz como sua cultura, pois ele se libertaria do jugo, não acredita? (*Por algum motivo extraordinário, chega um aviso que as aulas devem ser suspensas naquele horário. Ela então avisa às alunas que seguirá com o mesmo assunto na próxima aula. Na saída da sala, enquanto as alunas estão arrumando suas bolsas, ela faz um sinal e chama Marta para junto de si e avisa sem alarde*) Tenho um presente para você (*E tira da bolsa uma sombrinha de frevo embrulhada num belo papel brilhante.*)

ALUNA MARTA: (*Surpresa, olhando para ela*) – É para mim?

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: (*Sorrindo*) – Como sei que gosta de dançar, eu me lembrei de você.

ALUNA MARTA: (*Feliz*) – Sim, eu amo a dança clássica, professora.

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: (*Acenando*) – Sabe o que é?

ALUNA MARTA: (*Abraçando-a*) – Não, mas obrigada pela lembrança! (*Cheia de curiosidade*) Posso abrir?

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: (*Sabendo que será contrariada, diz num sorriso carinhoso*) – Ainda não. Só quando chegar na sua academia de dança clássica!

ALUNA MARTA: (*E, olhando para o relógio, recorda quem tem horário apertado, e saindo apressada*) Ai, meu Deus! Me desculpe, eu tenho que ir, minha professora de dança não permite atrasos!

PROFESSORA IRMÃ FLORESMAR: (*Acenando enquanto ela corre para sua aula*) – Espero que goste! (*E voltando a atenção para si mesma com voz baixa ao mesmo tempo em que arruma suas coisas no birô*) Mesmo que não saiba o que é!²⁴

(*No mesmo movimento, a aluna Marta se dirige apressadamente à academia de dança clássica.*²⁵ *A sala de aula e a academia estão montadas juntas no mesmo espaço do palco, tendo apenas uma barra de exercício separando-as. Tão logo se instala, ela não consegue segurar sua curiosidade e abre logo o presente. Descobre que é uma sombrinha de frevo. Seus olhos, sem ter como explicar isso, se enchem de brilho, particularmente quando percebe as cores vibrantes que recobrem o seu tecido rústico. Seu corpo se alegra, enquanto passeia com os dedos a leveza das formas da sombrinha, adornada com pequenos bordados com motivos nordestinos. Desde o primeiro toque, na verdade, toda essa vivência de tocar e contemplar a sombrinha lhe trouxe ao coração um misto de encanto harmônico e saudade familiar. Começa a experimentar alguns movimentos de dança – para ela muito nova, feita de improviso, ainda que completamente apaixonado – e sente sua alma extasiada, não apenas pelas sensações melódicas muito agradáveis que começam a reboar em seu interior, mas, sobretudo, pela riqueza de possibilidades de*

²⁴Na sequência, será projetado no pano de fundo o vídeo “Pedagogia do oprimido” – Entrevista com Paulo freire 4/11. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nwU-FFu6Js>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

²⁵Projeção no pano de fundo de um vídeo apresentando uma jovem fazendo seus exercícios de ballet clássico - Insight: Ballet glossary – développé. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m4A6PLeGIB4>>. Acesso em: 16 jun.2016.

integração proporcionada pelo novo instrumento, quando percebe que pode desenhar/construir no ar as mais variadas formas de escritura geométrica, arquitetônica etc.)

ALUNA MARTA: *(Sem dar por isso, pensa em voz alta, olhando alegremente para a sombrinha) – Ora, se eu sei! (E deixando a sombrinha cair no chão) Sei muito bem o que é uma sombrinha de frevo. (Pegando a roupa para vestir-se, senta-se para ajustá-la ao seu corpo) O que eu não sei é outra coisa. (Levantando-se com energia e sorrindo para si mesma) O que ela quer me dizer com o seu presente! (É quando chega a professora de Ballet e já assume as rédeas da aula, impondo uma disciplina calculada. Ela vai para barra.) Nisso eu estou curiosa!*

PROFA. SYLVIE: *(Batendo palmas com firmeza e elegância) – Bonjour, Mademoiselle Martá! (E chamando-a energicamente para iniciar a aula) La première position (Batendo palmas e fazendo movimentos com grande graciosidade) Attention... Bras : bien arrondis devant soi. Ne pas coller trop près du corps. Faire attention à ce que les coudes soient souple et non “cassés”.*²⁶

(Ainda no decorrer dos exercícios de dança clássica, sob a rígida orientação de sua professora francesa de ballet, a aluna Marta sentir-se-á contagiada pela entrada de um som de música de frevo que vai, magicamente, fazê-la experimentar outros movimentos, até então jamais experimentados.²⁷ É quando ela, aos poucos, vai tirando sua roupa de bailarina clássica, ao mesmo tempo em que, numa metamorfose maravilhosa, começa a fazer alguns movimentos de dança popular: pega a sombrinha que estava no chão e começa a frevar. A professora francesa, contrariada, tenta de todos os modos pará-la, mas fracassa em seu intento disciplinar.)

PROFA. SYLVIE: *(Agora, enfurecida, bate com a bengala no chão pela flagrante indisciplina que constata) - Mademoiselle Martá! (bate novamente com mais ênfase) Mademoiselle Martá! Je perds patience! (Marta segue dançando freneticamente.)*

(A Professora de ballet sai de cena, completamente contrariada. Começa a dança da bailarina de frevo.²⁸ E, ao terminar a sua participação, sairá pela coxia.)

CENA VII – A RUA DA MISÉRIA

PRIMEIRO MOVIMENTO – O assassinato e enterro de Pe. Henrique e o diálogo sobre a fidelidade dinâmica ao carisma de Paula no período da Ditadura Militar.

²⁶Áudio editado de um trecho da aula de Sylvie Guillem - Sylvie Guillem at 14, in class, enquanto a bailarina faz seus exercícios de dança clássica. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=dH2UQo8a5YQ>>. Acesso em: 20 de jun. 2016. E, posteriormente, a projeção de uma pequena parte do vídeo “Tchaikovsky - Swan Lake” - four little swans (Mariinsky Ballet). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-gApOfm4qd0>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

²⁷ Começa lentamente a execução de um trecho da música “Melodia Sentimental” – Heitor Villa-Lobos, em ritmo de frevo (Antônio Nóbrega). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=M3ioCo7n7fk>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

²⁸Áudio editado com o Frevo “Último dia” – de Levino Ferreira -, com arranjos do Maestro Spok.

(Quando termina a cena da dança da bailarina de frevo, logo em seguida, faz-se um breve silêncio. Depois, com o palco banhado por uma luz muito frágil, escutam-se os disparos de três tiros e, ao fim, um profundo gemido.²⁹ Logo em seguida, pelo lado oposto do palco, entra Pe. Henrique cambaleando e recebe mais dois tiros pelas costas. Ele, exangue, tomba ferido no chão. Ninguém virá em seu socorro. Escuta-se, neste mesmo instante, um grito sofrido “Aí meu Deus, mataram Pe. Henrique!”. E, misturado ao grito sufocado pelo choro, ecoa a sonoridade triste da música “Opinião”³⁰.)

(Na sequência, projeta-se, no pano de fundo do palco, um trecho do “Documentário: D. Helder Câmara: O mestre da paz”, mostrando como foi que se deu a sua participação no enterro do Pe. Henrique³¹. Enquanto isso, o corpo do Pe. Henrique segue tombando no mesmo lugar do palco. Ao terminar a projeção, num dos lados do palco, duas irmãs aparecem e travam um duro diálogo sobre os tempos difíceis que a congregação atravessava sob o regime militar no Brasil e, particularmente, em Recife.)

IRMÃ FRANCISCA: *(Aparece junto ao portão do colégio e, olhando para o relógio várias vezes, se posta como se esperasse alguém, em tom de cobrança autoritária, atalha, tão logo enxerga a Irmã Ana aproximando-se) – Irmã Ana, onde esteve? (Aponta para o relógio)*

IRMÃ ANA: *(Tolerante, mas sem manifestar nenhum receio que indicasse dubiedade) – Estava na comunidade!*

IRMÃ FRANCISCA: *(Cruzando os braços) – De novo na ilha dos Ratos! A senhora não para mais em casa?*

IRMÃ ANA: *(Atenciosa) – Eu sempre aviso à irmã Regilma!*

IRMÃ FRANCISCA: *(Impaciente completa) – E ela não avisa nada. (Ajeita o lenço) E nós ficamos com a cara de tacho. (Indo mais perto e ponderando com expressão de curiosidade invasiva) Diga-me... por que eu penso que tem algo acontecendo e eu não sei?*

IRMÃ ANA: *(Aguda) – Mas ela sabe de tudo!*

IRMÃ FRANCISCA: *(Pensando consigo, crava balançando as mãos) – Os frutos da nova formação!*

IRMÃ ANA: *(Sem titubear) – E também aprova o que estou fazendo lá.*

IRMÃ FRANCISCA: *(Cuspindo uma ironia fina enquanto passa o lenço na testa) – Ah! Posso imaginar. (Abrindo os braços) Dona novidade... quem se atreve a duvidar!*

IRMÃ ANA: *(Levemente sarcástica) – Vejo que não admira, como eu, o estilo dela!*

IRMÃ FRANCISCA: *(Fecha a cara, e policialesca) – E se pode saber o que fazia dessa vez?*

IRMÃ ANA: *(Colocando a mão na boca entre aturdida e surpresa) – A senhora não soube?*

²⁹Áudio editado do vídeo “Milton Nascimento e Chico Buarque” (1987) - “O que será que será?”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ILjPtMqDGg>>. Acesso em: 22 de jan. 2016.

³⁰Áudio editado com a música “Opinião – com Nara Leão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sRpcc65IQZE>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

³¹Áudio editado com um trecho do documentário “Dom Hélder Câmara: O Mestre da Justiça” (parte1), no qual ele narra a sua participação no enterro do Pe. Henrique. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_OVZiYksiGs>. Acesso em: 22 jun. 2016.

IRMÃ FRANCISCA: (*Franze a testa*) – Do quê? Se pode saber?

IRMÃ ANA: (*Alarmando*) – Assassinaram o Pe. Henrique.

IRMÃ FRANCISCA: (*Seca, limpando os óculos*) – Eu sei. Mas por isso mesmo você deveria estar em casa (*Ajeitando o lenço na cabeça*) Ou estou errada?

IRMÃ ANA: (*Intimidada*) – Eu estava ajudando nos preparativos do enterro.

IRMÃ FRANCISCA: (*Insensível, repreende*) – Muito nobre de sua parte. (*Colocando as mãos para trás*) Mas vê que a cidade virou uma praça de guerra?

IRMÃ ANA: (*Toma coragem e fala resoluto*) – Eles precisavam de mim!

IRMÃ FRANCISCA: (*Devolve automática, tentando discipliná-la*) – Nós também. (*Cruzando os braços, mas sem deixar recorrer ao poderoso argumento do amedrontamento na inflexão da voz*) Você também tem trabalho no colégio. (*Olhando para ela com severidade, aponta para rua quando escuta a passagem da cavalaria e alvoroço de gente correndo na rua³².*) Não tem medo que essa violência caia na sua cabeça?

IRMÃ ANA: (*Olhando-a sem culpar-se por nada*) – Vendo o sofrimento deles eu não podia negar. (*Olhando para baixo*) Sou uma religiosa, minha vida é serviço!

IRMÃ FRANCISCA: (*Aproxima-se tentando mostrar sua atitude como imprudente*) – Nós também somos. Mas só para variar, deveria pensar em seu bem. (*Fechando as mãos uma na outra*) Lá fora, não podemos defendê-la.

IRMÃ ANA: (*Com uma ponta de ironia*) – E aqui dentro estamos protegidos?

IRMÃ FRANCISCA: (*Levantando o dedo*) – E já que me lembrou de que é religiosa, aproveito para recordá-la que temos obrigações. (*Apontando com o dedo em riste para baixo enquanto falava com dureza*) Aqui temos regras!

IRMÃ ANA: (*Aproximando-se para olhá-la em seus olhos enquanto ela reflui*) – Está me dizendo que não posso ser Doroteia?

IRMÃ FRANCISCA: (*Encabulada, mas sem perder o fio da palavra*) – Isso quem diz é você!

IRMÃ ANA: (*Enfrentando-a cara a cara*) – Ou talvez mais grave, que só há um modo de ser Doroteia!

IRMÃ FRANCISCA: (*Aborrecida*) – Está torcendo minhas palavras. (*Saindo de sua frente*) Está muito crescidinha para esse tipo de subterfúgio!

IRMÃ ANA: (*Ela rejeita e altera-se*) – Então me diga: o que eu devia fazer, deixar que os mortos enterrem seus mortos?

IRMÃ FRANCISCA: (*Ajeitando os óculos, com o cenho franzido*) – Devia agradecer pela nossa preocupação.

IRMÃ ANA: (*Percebendo que ela tinha ficado magoada, tenta uma aproximação afetiva*) – Irmã, a senhora devia ver a consternação de D. Helder. Estava inconsolável. Como quem perde a um filho. (*Altera-se emocionada*) O povo está sofrendo muito com a perda de Henrique. (*Enxugando a lágrima rasa que desce do rosto*) O que eles pensam que são para fazer isso conosco?

³²Escuta-se o trecho de um áudio extraído do vídeo “8J-RJ: Manifestantes encurralam a cavalaria montada da tropa de choque da PM do Rio”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tsZp6bdn1jo>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

IRMÃ FRANCISCA: *(Ainda com o peso do enfado, mas já sintonizando com uma emoção mais próxima do que sente realmente pela Irmã Ana, fala como se estivesse sozinha)* – Por causa disso mesmo a senhorita deveria se preservar!

IRMÃ ANA: *(Não consegue conter o choro)* – Ele foi assassinado. Percebe a gravidade dos fatos?

IRMÃ FRANCISCA: *(Ela sobe o tom, mas dando a entender que segue falando para si mesma ainda)* – E não ir para esses lugares perigosos.

IRMÃ ANA: *(Aproxima-se, e levantando o seu rosto que estava inclinado para baixo)* – Guardar-me entre muros, não é mesmo?

IRMÃ FRANCISCA: *(Pega no seu rosto também)* – É o mais sensato a fazer!

IRMÃ ANA: *(Ela sai do foco de sua atenção)* – Essa gente não vai parar. *(Explode com energia)* Nós precisamos pará-la!

IRMÃ FRANCISCA: *(Tentando ajudá-la a pensar sensatamente, pondera sobre a impotência que mora em tudo que é humano)* – Isso ultrapassa nossa capacidade de controle. *(Resignada)* Não podemos mudar nada nesse ponto.

IRMÃ ANA: *(No mesmo tom, atenta para o fato de que a resignação nesse momento era sinal de fraqueza)* – E quem vai fazer justiça em seu nome?

IRMÃ FRANCISCA: *(Exaspera-se em meio ao bombardeio emocional)* – Pelo amor de Deus, somos freiras; não soldados!

IRMÃ ANA: *(Colocando as mãos no rosto, como desamparada)* – Agora é a senhora quem me confunde. *(Ela baixa a cabeça em silêncio)*

IRMÃ FRANCISCA: *(Depois de ficar em silêncio por algum tempo... com o rosto marcado pelo choro, fala maternalmente)* – Menina, quer morrer também? Você é muito jovem para entender essas coisas!

IRMÃ ANA: *(Com ar de gravidade)* – **Não entende? A morte de Henrique diz alto e claro que não temos mais segurança!**

IRMÃ FRANCISCA: *(Aconselhando)* – Deixe que as autoridades cuidem disso!

IRMÃ ANA: *(Enxugando as lágrimas, de repente para, como se ouvisse um grande absurdo)* – Autoridades? *(Soltando os braços com energia)* Que autoridades? Ora, irmã, não seja ingênua. *(Colocando o lenço nos olhos)* Todos sabem quem o matou.

IRMÃ FRANCISCA: *(Repentinamente se preocupa)* – Cuidado com essa língua. *(Aponta para o lado externo do portão e pede que venha para dentro)* Entre, por favor, vem gente estranha!

IRMÃ ANA: *(Ela sorri, tranquilizando-a)* – São meus amigos da comunidade. *(Faz um sinal com a mão para que a esperem do lado de fora do portão)*

IRMÃ FRANCISCA: *(Meio irônica e meio simpática)* – Ah! Então já tem amigos na Ilha?!

IRMÃ ANA: *(Vai para junto dela e com voz embargada)* – Eu sei que a senhora está assustada. Eu também estava. *(Anda para o outro lado enxugando as lágrimas que começam a correr dos seus olhos)* Pensava comigo: Que gente é essa que mata nossa gente?! Aí encontrei minha gente se juntando nas ruas, sofrendo e rezando, para enterrar seu filho

querido assassinado. Então senti que meu coração encontrou a paz. Porque vi que nós cuidamos uns dos outros. E assim a vida venceu a morte!

IRMÃ FRANCISCA: *(Ela vai ao seu encontro)* – Entregue tudo nas mãos Deus, ele fará a verdadeira justiça!

IRMÃ ANA: *(Ela sai de seu espírito marcado pela dor e contesta energicamente como faz todo mártir testado em sua fé)* – A justiça de Deus tem que começar entre nós. E ela me diz: Que tenha luta! *(E bradando com a típica indignação ética dos cristãos de verdade)* Que a morte de nosso irmão não seja esquecida!

IRMÃ FRANCISCA: *(Com leve irritação)* – Ora, isso é política!

IRMÃ ANA: *(Aguerrida, rebate)* – Não! Isso é religião, por outros meios, para que do seu sangue brotem outros mártires. Ele morreu defendendo os preferidos do Reino de Deus.

IRMÃ FRANCISCA: *(Doutrinária)* – Devia saber separar o que é assunto terreno e o que...

IRMÃ ANA: *(Interrompe com severidade aproximando-se)* – Numa ditadura?

IRMÃ FRANCISCA: *(Levantando as mãos com raiva, enquanto se afasta dando as costas)* – Não somos do mundo!

IRMÃ ANA: *(Reiterando com mais veemência)* – E estamos numa ditadura! *(Grita)* Este é o mundo!

IRMÃ FRANCISCA: *(Contra-argumentando às secas)* – Para isso estão os leigos! Nós cuidamos do espiritual.

IRMÃ ANA: *(Estocando com argúcia teológica)* – Ah! *(Passa a mão na testa tentando lembrar-se de uma passagem bíblica apropriada)* Então armemos nossas três tendas, não é Pedro? Ora, “Mestre, é tão bom estarmos aqui”! *(Depois da dureza das palavras, tentando ser mais amistosa)* – Irmã, essa é a visão da igreja tridentina! *(Soltando as mãos como se estivesse desapontada com a Irmã Francisca)* O novo Concílio mudou tudo.

IRMÃ FRANCISCA: *(Afastando-se, como quem não conseguiu encaixar o duro golpe em sua visão da vida religiosa)* – Não me venha falar do Concílio *(Pegando o lenço para limpar a boca)* eu sei muito bem da doutrina e do lugar de nosso carisma na igreja.

IRMÃ ANA: *(Discorda com elegância, mas fala como quem se dirige a um público muito distante)* – Hoje, nossa consciência religiosa precisa de conversão.

IRMÃ FRANCISCA: *(Convicta, ajeitando o lenço nervosamente)* – Fizemos tudo como nos ensinaram!

IRMÃ ANA: *(Considera)* – Infelizmente, não é mais suficiente para ser o sal desta terra!

IRMÃ FRANCISCA: *(Apertando os olhos, querendo trancar o choro)* – Estou muito velha para nascer de novo, Irmã Ana. E se entendi bem, temos que nascer de novo!

IRMÃ ANA: *(Rindo ternamente)* – Não, Nicodemos! *(A Irmã Francisca também sorri.)* Irmã *(Aproximando-se)* É hora *(Tomando suas mãos com energia, talvez por sentir que ali iria se abrir um verdadeiro e fecundo canal de diálogo espiritual)* de nossa educação católica ter o seu batismo de sangue!

IRMÃ FRANCISCA: *(Rindo também, mas já com uma marca de tensão no rosto)* – E eu posso saber que batismo é esse?

IRMÃ ANA: *(Ensina com destreza)* – Terá que dizer a qual senhor pretende servir.

IRMÃ FRANCISCA: *(Tirando suas mãos)* – Ora, você sabe...

IRMÃ ANA: *(Interrompe com voz grave)* – Não! *(E gesticulando com as mãos firmes)* Agora é assim... Ou do lado de quem tortura. Ou do lado de quem é torturado!...

IRMÃ FRANCISCA: *(Sem alterar a voz pensativa)* – Quente ou frio... morno eu vomito! *(Avalia convicta, olhando os seus olhos)* É isso que pensa estar fazendo quando ajuda aquela gente, não é?

IRMÃ ANA: *(Concordando timidamente)* – É um primeiro passo.

IRMÃ FRANCISCA: *(Colocando a mão em seu ombro cordialmente)* – Acredite *(E se emociona)* Eu entendo a importância desse passo. *(Balançando um pouco a cabeça para não chorar)* Mesmo sendo tão difícil *(Tirando a mão de seu ombro, afasta-se, para depois, voltando-se, fitá-la com amabilidade)* A Irmã vai deixar a gente, não vai?

IRMÃ ANA: *(Surpresa responde com doçura)* – Eu não! *(Pegando o seu crucifixo)* Eu não vou deixar nada. *(Beija uma medalhinha que carrega junto ao crucifixo)* E levo Paula para lá também! *(Estende a mão para ela)*

IRMÃ FRANCISCA: *(Dando a mão a ela, com algum temor)* – Com essa idade, como eu vou fazer isso?

IRMÃ ANA: *(Simpática, ainda que objetiva)* – Com um segundo passo. *(Soltando sua mão)*

IRMÃ FRANCISCA: *(Titubeante)* – Por que está tão segura que é esse o caminho de Paula?

IRMÃ ANA: *(Assertiva)* – Paula fez isso. Ficou bem perto dos problemas humanos! *(Estende a mão novamente)*

IRMÃ FRANCISCA: *(Pega suas mãos mais uma vez e decidida, com o sorriso sereno de quem deixa claro que não é capaz de fazer uma intromissão abusiva)* – Então é essa a novidade.³³

IRMÃ ANA: *(Ela não entende e pendura na face uma expressão de dúvida)* – Confesso que não entendi!

IRMÃ FRANCISCA: *(Sem alarde no gesto)* – Calma, não precisa preocupar-se!

IRMÃ ANA: *(Insiste com o rosto marcando certa apreensão)* - Quer me dizer que novidade é essa?

IRMÃ FRANCISCA: *(Considerando com propriedade)* - Ora, e essas idas e vindas foram um tempo de preparação.

IRMÃ ANA: *(Recolhendo-se, enquanto solta sua mão)* – Ah! *(Como quem faz uma revelação vinda da alma)* Foi um tempo necessário de Oração e discernimento!

IRMÃ FRANCISCA: *(Como quem desvela um segredo)* – Mas agora já sabe que vai morar com eles!

³³Nesse momento, após numa breve pausa de absoluto silêncio (como a indicar o tempo de um renascimento), escuta-se o áudio editado com a voz de Dom Hélder Câmara, dizendo que havia chegado o tempo de servir na Igreja de um jeito novo: os pastores deveriam estar mais perto dos pobres. O trecho é extraído do documentário “Dom Hélder Câmara: O Mestre da Paz - Parte 1”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-t7Aier2yPU>>. Acesso em: 23 de jun. 2016

IRMÃ ANA: *(Serena, ela recolhe suas mãos em seu peito)* – Ontem eu conversei com D. Helder e ele me convidou para fazer uma experiência de inserção na comunidade.

IRMÃ FRANCISCA: *(Balançando a cabeça afirmativamente)* – E você, é claro, aceitou o convite!

IRMÃ ANA: *(Ela sorri, mas já dando por óbvia a resposta)* – Disse a ele que preciso ouvir o que pensa a Irmã Provincial.

IRMÃ FRANCISCA: *(Curiosa e já torcendo por sua vitória)* – E quando conversará com ela?

IRMÃ ANA: *(Ajeitando o lenço que parece cair-lhe da testa)* – No final desse mês, depois que conversar com o meu confessor no fim de nosso retiro.

IRMÃ FRANCISCA: *(Colocando a mão em seu coração)* – De certo... ela saberá acolher o que sopra o Espírito!

ZÉ DANTA: *(Apresentando-se no portão e chamando-a com a mão)* – Irmã, desculpe, mas Rosa mandô dizê que o enterro num demora a saí... *(Vendo a situação em sua volta, com receios, ele baixa a cabeça e pigarreando tentando convencê-la)* Tem muito chão pela frente...

IRMÃ ANA: *(Olha para ele com atenção)* – Eu já vou, seu Zé Danta!³⁴

ZÉ DANTA: *(Rodando o chapéu e mordendo um palito de fósforo)* – Irmã, inda tem os perigo... É melhô nós parti...

IRMÃ FRANCISCA: *(Fechando suas mãos nas mãos de Irmã Ana)* – É melhor escutá-lo...

IRMÃ ANA: *(Olhando para Zé Danta e com as mãos ainda presas às de Irmã Francisca)* – Eu sei... *(Abraçando-a com ternura fraterna)* Ele tem razão! *(E vai dando as costas.)*

IRMÃ FRANCISCA: *(Notando a impaciência do homem que estava em seu portão)* – Tem certeza que não vai ficar em casa?

IRMÃ ANA: *(Firme, ainda que gentil)* – Minha casa hoje é com eles.

IRMÃ FRANCISCA: *(Compreensiva)* – Então vá! Eles precisam de você!

IRMÃ ANA: *(Com um apelo filial)* – Venha, Francisca!

IRMÃ FRANCISCA: *(Baixando a cabeça)* – Por Deus, não posso! Tenho muito trabalho no colégio. *(Levantando a cabeça entristecida)* Por favor, leve minha consternação. Sei que não deviam ter feito isso com ele!

IRMÃ ANA: *(Comovida)* – Eu me Lembrarei disso na cerimônia de adeus ao nosso amigo. *(Sai e sem olhar para trás)* – Um dia também você virá conosco! *(E vai para o lado do palco onde se organizará a marcha fúnebre.)*³⁵

³⁴Nesse momento, misturado ao som de tiros e bombas, apresenta-se um pequeno trecho do Documentário “Pela Memória do País - Ditadura Militar no Brasil”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zNVTdtAbDkA>>. Acesso em: 23 de jun. 2016.

³⁵Áudio editado com um pequeno trecho do “Discurso de Dom Oscar Romero (Parte 01)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kBe*DEQ'us>. Acesso em: 10 jun. 2016.

CENA VIII – O CAPÍTULO GERAL

PRIMEIRO MOVIMENTO - o encontro fraternal em Roma e a abertura mental aos novos desafios da fé no contexto do novo mundo.

(Logo depois, duas irmãs entram chorando e recolhem plangentemente o corpo de Pe. Henrique. Começa a cena do enterro. A irmã Ana se integrará à marcha fúnebre.³⁶ Ela seguirá por um lado do palco e, enquanto acompanha o enterro - até que o mesmo, descendo as escadas, desapareça na direção do corredor do auditório -, do outro lado do palco, duas outras Irmãs Doroteias se preparam para uma grande e importantíssima viagem.³⁷Elas irão para o Capítulo Geral da Congregação. Já em Roma, a Irmã Geral profere as palavras solenes de boas-vindas)

IRMÃ GERAL: *(Juntando as mãos e olhando para todas ao seu redor)* – Boa noite, amadas irmãs. Declaro abertos os trabalhos do Capítulo Geral. Peço que as luzes do Espírito nos inspirem e levem mais longe a Pia Obra de Santa Doroteia!

IRMÃ LÚCIA: *(Indo até a varanda da casa geral, fala como se segredasse em voz alta)* – Daqui podemos contemplar toda a cidade de Roma. Conhecemos cada pedaço com familiaridade: ruas, praças, lojas. Sabemos bem de perto como vive sua gente. *(Voltando os olhos para as outras, e com suavidade)* Quisera encontrar aqui o mesmo sentimento. *(Pegando sua medalha e levantando-a)*

IRMÃ GERAL: *(Alegre concordando)* – Ir. Lúcia, quero conhecer assim o mundo por onde levamos a mensagem de Paula.

IRMÃ REGILMA: *(Saindo do meio das outras irmãs)* – Cara Irmã Geral, sua sensibilidade nos anima. *(Indo para o lado dela)* Dá até vontade de ir ao poço para que Paula nos deixe beber de sua água!

IRMÃ LÚCIA: *(Vai abraçar as duas)* – Já é um belo começo. Pois recorda a fonte de nossa experiência de família.

IRMÃ REGILMA: *(Entusiasmada)* – Sim, mesmo pequenas.

IRMÃ LÚCIA: *(Completa com ardorosa convicção)* – Mas, juntas, somos uma grande família!

IRMÃ GERAL: *(Juntando as mãos com todas)* – Filhas de Santa fé! *(Olhando com atenção focada)* Irmã Regilma, por que ficou pensativa de repente?

IRMÃ REGILMA: *(Com ar de preocupação reflexiva)* – É que desta mesma varanda. *(Olhando para ela com leveza)* Eu também me vejo no mundo. *(dando um passo à frente)* que explode desafios por todos os poros. Também temos que ver isso dentro desta sala.

IRMÃ LÚCIA: *(Juntando as mãos com peso no rosto)* – É Verdade! A palavra que define nosso tempo é mudança.

IRMÃ GERAL: *(Tentando animar o grupo)* – Tomar consciência de sermos um corpo já é um sinal de esperança!

³⁶O enterro de Pe. Henrique seguirá com o áudio de Marie Keyrouz - Christos Anesti - The Passion of the CHRIST. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2XhugeRR_ms>. Acesso em 20 de jun. 2016.

³⁷Prepara-se a atmosfera sonora com o áudio de Marie Keyrouz - “Alleluia”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FPWHi2zKBiM>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

IRMÃ REGILMA: *(Com severidade)* – Sim, mas um corpo que precisa respirar outros ares. *(E arremata incontestemente)* Não podemos mais colocar remendos novos em panos velhos.

IRMÃ LÚCIA: *(Pegando o jornal que estava em cima da mesa e tomando os óculos)* – Basta olhar o jornal diário e logo embrulhamos a alma em perplexidade. As feridas abertas pela Grande Guerra: Holocaustos, migrações, crises econômicas, regimes totalitários.

IRMÃ REGILMA: *(Com ênfase)* – Ditaduras sanguinárias. *(Indo na direção da Irmã Geral)* Estamos vendo no Brasil um golpe de estado. *(Volta-se para si mesma)* Militares corruptos e criminosos assumiram o poder. *(Parada olhando para o chão)* Rasgaram a constituição e pisaram nos direitos humanos. E não se pode falar nada. Pois eles reprimem impunemente.

IRMÃ GERAL: *(Retomando a sua posição na cadeira)* – Foi nisso que deu o dogma da ciência que brinca de Deus.

IRMÃ LÚCIA: *(Com firmeza na voz)* – O mundo e as ideologias ateias não podem desmerecer nossos votos.

IRMÃ REGILMA: *(Olhando fixo para Irmã Geral, considera em desacordo)* – Será estéril satanizar o mundo moderno. Nós, igreja, precisamos de uma atitude de discernimento, mas também de abertura.

IRMÃ LÚCIA: *(Ajeitando o véu que tem na cabeça)* – Meu Jesus! *(Fecha as mãos e os olhos e faz uma pausa considerativa)* Neste instante me dou conta da gravidade do que acabo de entender. *(Respira profundamente para registrar o peso de importância do que se revelou aos seus olhos no âmbito da ação pastoral da Congregação)* Já pensaram nas repercussões de tudo isso no plano educacional?

IRMÃ GERAL: *(Ajeitando-se na cadeira por sentir-se numa posição incômoda agora)* – Precisamos fazer uma reflexão profunda sobre isso, pois é uma realidade que afeta o futuro de nossos educandos.

IRMÃ LÚCIA: *(Dando-se conta do que foi dito)* – Sua dignidade fundamental... *(E como que querendo chamar o grupo para tomar consciência do tamanho do problema que ela acaba de perceber, no sentido de possíveis ações da pastoral nas escolas)* – Pois, como realizar projeto de educação numa sociedade baseada em projetos de morte?

IRMÃ REGILMA: *(Ainda rindo, mas assumindo agora um ar de seriedade)* – Nossa abertura de mente tem melhorado. *(Suspira)* É verdade. *(Retomando a força da crítica)* Mas não têm se refletido em nossos projetos pedagógicos na mesma intensidade.

IRMÃ GERAL: *(Saudosa)* – Ah! Paula. Bem que poderias estar aqui! *(Une as mãos)*

IRMÃ LÚCIA: *(Suspirando)* – Ela nos inspiraria!

IRMÃ REGILMA: *(Colocando os óculos na mesa)* – E também profética nos questionaria: O que estamos fazendo em nossas escolas para construir um mundo melhor?

IRMÃ LÚCIA: *(Assentando o raciocínio da discussão)* – E é fácil de entender a urgência pedagógica de Paula.

IRMÃ REGILMA: *(Retoma o fluxo da crítica)* – Desde que nossas escolas não sejam instrumentalizadas pelo mercado.

IRMÃ LÚCIA: (*Desconfortável*) – Será preciso muita coragem evangélica!

IRMÃ REGILMA: (*Indo ao seu encontro e pegando em seus ombros*) – Corramos todos os riscos com fé.

IRMÃ GERAL: (*Curiosa, olha para Ir. Regilma, abrindo outro ponto de questionamento*) – Mas veja, uma parte crescente dos jovens se distancia da Igreja institucional. Como responder a isso em nosso projeto educativo?

IRMÃ LÚCIA: (*Ampliando o horizonte do problema posto, aponta aguda*) – Talvez porque precisem de novo exemplo que inspire o educando a fazer-se “homem novo numa nova convivência ética!”

IRMÃ REGILMA: (*Calmamente vai ao encontro da Ir. Geral*) – Por muito tempo, a segurança da gente estava dentro dos muros de nossas casas. Eles eram os limites do mundo. Agora esses limites se desmancham no ar. E o mundo que há lá fora já penetrou dentro deles. Se não nos abrimos, não tocaremos o coração do jovem com a mensagem. E aí, onde estará o cerne fecundo de nossa missão?

IRMÃ LÚCIA: (*Com certa irritação, devolve*) – Mas nós levamos a mesma mensagem de Cristo!

IRMÃ REGILMA: (*Cheia de alegria*) – Há um novo modo de agir na Igreja. Ele nasce do aprofundamento experiencial da socialização, Práticas concretas de promoção social, empoderamento ativo da mulher, escuta sensível das necessidades dos lugares e afirmação protagônica dos leigos.

IRMÃ LÚCIA: (*Olhando para Irmã Geral, com incômodo visível, aponta*) – Irmã Geral, falamos de ações para as quais não estamos preparadas. (*A Ir. Geral concorda, balançando a cabeça afirmativamente*)

IRMÃ GERAL: (*Com perplexidade*) – Falas do Concílio. Mas, aqui entre nós... (*Olhando para Ir. Lúcia, como a pedir sua solidariedade*)... uma ala inteira do clero e das congregações rejeita as novidades desse Concílio.

IRMÃ REGILMA: (*Inquieta*) – De fato, a nossa igreja no Brasil também está dividida, como a sociedade: entre a casa grande e a senzala. Um grupo quer que ela seja cativa da Lei. O outro quer que ela acorde de seu sono dogmático. Em nossas casas, por exemplo, muitas irmãs não entendem nossa opção pelos pobres. E nós devemos fazer.

IRMÃ LÚCIA: (*Exaspera-se. Atrapalhada, atravessa*) – Nós também estamos divididas quanto a isso! (*Recolhe-se em suas mãos junto à barriga*).

IRMÃ GERAL: (*Buscando a unidade, fala em tom de conciliação*) – Irmãs, leva tempo para superar uma mentalidade tão arraigada. (*Levanta-se e pega um copo d’água*)

IRMÃ LÚCIA: (*Sensibilizada*) – Somos vítimas desse silenciamento da transcendência que atravessou todas as camadas sociais e tornou supérfluo cuidar da alma e das coisas do céu.

IRMÃ REGILMA: (*Pegando o livro Concílio do Vaticano II*) – Isso aconteceu em parte por nossa culpa. (*Respirando fundo*) Cristo viveu no meio do povo. A pastoral da igreja o tornou um Deus distante. Não é á tôa que o Concílio nos fala de aggiornamento. Voltar à vida concreta das comunidades humanas, respeitando sua encarnação cultural.

IRMÃ LÚCIA: *(Tomada de uma dúvida constrangedora)* – Mas não é o que fazemos todo esse tempo? A culpa é nossa se o mundo se faz distante?

IRMÃ REGILMA: *(Voltando-se para ela com voz mordaz)* – Com doutrinação e moralismo? *(Evoca agora uma candura pedagógica)* Paula teve tato evangélico. Pregou o Reino atenta às necessidades do povo. Retomou a ideia de um Deus presente no cotidiano, um Deus com quem se comunicava direta e intimamente.

IRMÃ GERAL: *(Perplexa)* – Com isso, queres dizer que não sabemos mais quem é o nosso próximo?

IRMÃ LÚCIA: *(Confusa)* – Afinal. O que há de errado com o nossa posição. Não somos Doroteias?

IRMÃ REGILMA: *(Reflexiva)* – Considere a vida de Maria, ela se pôs a caminho da casa de Iza-bel, e solícita antecipou-se ao seu apelo. Não percebem: essa foi a base de nossa congregação.

IRMÃ GERAL: *(Com dureza afirmativa)* – Não servimos aos pobres em nossos colégios?

IRMÃ REGILMA: *(Atalhando com firmeza)* – Pois está na hora de nossas casas irem às comunidades deles. Sobretudo, está na hora de sermos Doroteias desafiadas em outras realidades pastorais. Foi por uma circunstância histórica que Paula aceitou os colégios.

IRMÃ GERAL: *(Como se isso soasse óbvio)* – Porque era preciso evangelizar através da educação. *(Pega o livro de Santa Paula com suas Intuições pedagógicas e, o mostrando) e por isso guardamos suas intuições pedagógicas com tanto cuidado.*

IRMÃ REGILMA: *(Iluminada de graça)* – Mas aí é que está. Evangelizar tem uma nervura mais funda.

IRMÃ GERAL: *(Convicta, pondera no contra-fluxo natural de uma observação marcada)* – Mas somos, assim como ela queria, educadoras. *(E fica olhando para Ir. Regilma com certo desconforto).*

IRMÃ REGILMA: *(Compreensiva, atravessando, aponta certa)* – Sim, educadoras da justiça, educadoras do Evangelho, em nome da conscientização do povo de Deus. *(Com aceno enfático na voz e no gesto, deleita-se em cada palavra)* Nosso lugar é com aqueles que são vítimas das situações de injustiça em *(De uma vez e bem forte)* todos os campos.

IRMÃ GERAL: *(Recuando na cadeira, em sinal de desconforto)* – Simplesmente ainda não há estrutura para um serviço desses. Pelo menos não com o que exige nossa presença institucional. Entende minha posição?

IRMÃ LÚCIA: *(Preocupada com o rumo da reflexão)* – Por Deus, não devemos sair daqui com o veneno da dúvida.

IRMÃ REGILMA: *(Pegando o livro)* – Paula não teve dúvida.

IRMÃ LÚCIA: *(Tocada, ela coloca a mão no peito e afirma sem nenhum medo, com profunda alegria)* – Então é isso *(Sonoro)* Ela foi para dentro da vida do povo *(Fechando as mãos em sinal de contrição)* É o que anima nossa espiritualidade.

IRMÃ REGILMA: *(Animada)* – Ela é o fermento do pão vivo... onde trabalhamos... participando da vida do povo por meio da nossa acolhida... dos filhos da pobreza... em todas as suas formas opressivas!

IRMÃ GERAL: *(Com o terço na mão, batendo na testa enquanto pondera)* – Irmãs, será mesmo a hora para mudanças? *(Pensando consigo, preocupada)* Não sei! *(Querendo abrir um sorriso bem discreto)* Uma Geral diria que não podemos dar um passo maior que as pernas.

IRMÃ REGILMA: *(Sorrindo, interrompe)* – Já somos muitas na congregação. Para além da nossa presença nos colégios *(Irradia-se de alegria e gesticula enquanto fala para expressar seu sentimento)* estamos nos morros, nas favelas, nas comunidades de pescadores, nas periferias de cidades como Recife, João Pessoa, Natal.

IRMÃ GERAL: *(Com seriedade)* – Algumas de nós iriam escandalizar-se, cheias de reprovação.

IRMÃ REGILMA: *(Juntando as duas com suas mãos)* – A presença de Santa Paula continua viva em nosso amor e santidade. Os pobres são voz de Deus e nos dão lições de vida. O carisma hoje está em nossas mãos e somos responsáveis pela sua continuidade. *(Elas se retiram do palco uma após a outra)*³⁸

CENA IX – A RUA DA MISÉRIA

SEGUNDO MOVIMENTO - A montagem dos quadros vivos.

(A cena se armará com a chegada do segundo navio ao porto do Recife, trazendo as irmãs Doroteias de Portugal – entre outras nações –, para morar no Brasil. Ao som de “O trenzinho-caipira de Heitor Villa-Lobos”³⁹, um ator atravessará o palco tendo um pequeno barco nas mãos. Com ele, desenhará no ar, em passos cadenciados, o movimento ritmado do vai e vem de um barco enfrentado as correntes marítimas ao sabor de suas velas infladas pelo vento. Ao longo de sua viagem imaginária, na verdade, já se poderá escutar o próprio movimento da travessia do barquinho: primeiro, ao longe, no ranger da quilha rasgando as águas do oceano⁴⁰ e, depois, no último enroscar de suas cordas no cais. Vem a calmaria⁴¹. Quando, então, o ator chegar ao fim de sua viagem imaginária⁴², em sequência quase automática, terá início uma intensa movimentação de palco⁴³: enquanto as irmãs estarão desembarcando no cais, em sua linha frontal, ao mesmo tempo, virá o enterro de Pe. Henrique – atravessado de lastimosos balbucios de dor pela perda

³⁸Música de preparação “Cantiques de L’Orient” – Seur Marie Keyrouz. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3znRpxlbq_s. Acesso em: 28 jun. 2016

³⁹O áudio editado com o “O trenzinho caipira de Heitor Villa-Lobos” - Bachianas Brasileiras nº 2 – IV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wIG4h7vj4Y>. Acesso em: 20 de jun. 2016.

⁴⁰O áudio editado com um trecho do vídeo “Noite de sono num barco em alto mar, ruído de madeira rangendo e ondas” (1 hora). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ih3b46D_PR8. Acesso em: 22 de jun. 2016.

⁴¹Áudio editado com o trecho do vídeo “BARCO ANTIGO EM MAR CALMO” - Barco a Velas - 2 horas de som - Dormir, Acalmar, Relaxar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LTlgD5pdu8Q>. Acesso em: 20 de jun. 2016.

⁴²Áudio editado com o trecho do vídeo “Navio Bate no Cais do Porto de Imituba - Brasil p”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XHwLjht9lpc>. Acesso em: 21 jun. 2016.

⁴³Nesse andamento, bruscamente, entra o áudio editado com a música “O trenzinho caipira”, com a interpretação original de Egberto Gismonti (Full Album). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qb2cwFlhtjE>. Acesso em: 23 jun. 2016.

do grande irmão – e desaguará na rua da miséria. Num certo instante, formando uma vigorosa passeata, os atores⁴⁴, munidos de faixas/cartazes, explodirão em vozes de protesto aberto contra a Ditadura e pronunciarão palavras de ordem, ao mesmo tempo em que anunciam, de forma solene, os nomes de pessoas torturadas e mortas pelo regime militar, sempre acompanhado de enérgico e emocionado grito “presente”, em uníssono. Com isso se inaugurará a trilha de soldagem de quadros vivos, apresentando as misérias e bondades da história humana nesse contexto particular de sua ancoragem terrena. Eis como se arquitetará essa trilha de soldagem de quadros vivos da rua da miséria na íntegra. **Primeiro Quadro vivo:** Desfar-se-á o protesto e, agora, os atores serão os torturados pela Ditadura. Nessa condição, vestidos de acordo com suas ocupações cotidianas - as profissões/ocupações que exerciam antes de serem presos: advogados, médicos, professor, açougueiro etc., com sacos plásticos pretos no rosto e mãos amarradas, encontrar-se-ão depositados em salas de violações⁴⁵, explodindo seus gritos de dor.⁴⁶ Ao fim da execução do trecho escolhido da música “Cálice” -, os atores, assumindo posições que simulam as expressões mais cruentas de seres torturados, começarão a cair ou rolar, distantes uns dos outros. **Segundo quadro vivo:** Os atores se juntam num emaranhado de corpos e buscam o reconhecimento uns dos outros pela aproximação afetivamente carregada de sensibilidade, entre a fragilidade e o abandono⁴⁷. É nesse momento que uma das atrizes começará a declamar um trecho do poema atribuído a Clarice Lispector⁴⁸ “Já escondi um amor com medo de...” ou “Coisas da vida”: “Não sei amar pela metade, não sei viver de mentiras, não sei voar com os pés no chão. Sou sempre eu mesma, mas com certeza não serei a mesma pra sempre! Gosto dos venenos mais lentos, das bebidas mais amargas, das drogas mais poderosas, das ideias mais insanas, dos pensamentos mais complexos, dos sentimentos mais fortes. Tenho um apetite voraz e os delírios mais loucos. Você pode até me empurrar de um penhasco que eu vou dizer: - E daí? Eu adoro voar!”.⁴⁹ **Terceiro quadro vivo.** Terminada a declamação do poema, no compasso de

⁴⁴Projeção no pano de fundo de um pequeno trecho do vídeo “Pra não dizer que não falei das flores - Geraldo Vandré (1968)”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A_2Gtz-zAzM&index=2&list=RD135qV1IQ-TQ>. Acesso em: 23 jun. 2016.

⁴⁵Áudio com um pequeno trecho do documentário “Casa da Morte”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZBOgijqj6jk>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

⁴⁶Enquanto os atores se manifestam individual e coletivamente, seus gritos se cruzam com o áudio editado com o vídeo “Cálice - Chico Buarque”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=135qV1IQ-TQ&list=RD135qV1IQ-TQ#t=54>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

⁴⁷Execução de um trecho da música “Como nossos pais” - na marcante interpretação de Elis Regina – extraído do vídeo “Elis Regina - Como Nossos”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2qqN4cEpPCw&list=RD135qV1IQ-TQ&index=3>>. Acesso em: 24 de jun. 2016.

⁴⁸O poema “Já escondi um amor com medo de...” é, muitas vezes, atribuído a Clarice Lispector, mas, na verdade, não tem autoria conhecida. Porém, com certeza, a parte final é uma clara adaptação de um trecho do poema “Alta Tensão” de Bruna Lombardi. Disponível em: <<https://pensador.uol.com.br/frase/MTMxOTcw/>>. Acesso em: 08 de mai. 2017.

⁴⁹Durante a declamação de um trecho do poema “Coisas do mundo”, simultaneamente, se ouvirá um trecho da música “Construção”, – extraído do vídeo “Chico Buarque – Construção”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jzWI_JfBrO&index=6&list=RD135qV1IQ-TQ>. Acesso em: 2016.

gestos de libertação social, os atores se encantarão ouvindo, primeiro ao longe e, depois, aproximando-se, um ator que entra cantando a música *Grândola “Vila Morena”*⁵⁰. É quando se encontrarão num compasso de interação face a face e, assim, abandonarão a tristeza dos rostos e, de repente, ao som música... “O Bêbado e o equilibrista”⁵¹, irão trocar abraços efusivos. **Quarto quadro vivo:** A música cessa e, em seguida, os atores imediatamente caem no palco e, desta feita, assumirão a condição de catadores (as) de lixo em luta pela sobrevivência mais feroz.⁵² Vagam no palco à procura de alimento. E, enquanto catam o lixo, animallescamente, cantam, em forma de Ópera, o poema “O Bicho” de M. bandeira⁵³. **Quinto quadro vivo:** ⁵⁴Nesse quadro, batendo latas no palco, eles cantarão juntos, ora olhando para si mesmos, ora olhando para a plateia, a música: a Hora da sopa... “Tá quase na hora, na hora da sopa, da sopa quentinha... É hora da sopa... da sopa quentinha... Lá vêm elas... lá vem elas... lá vem elas... vão conversar... vão conversar... nos confortar... nos confortar... trazendo a palavra... trazendo a sopa... trazendo o pãozinho para acompanhar – e girando ao redor de si mesmos, eles gritam – Me sinto gente... me sinto gente... Me sinto gente”. Enquanto cantam, estarão fazendo uns giros ao redor de si mesmos. Ao terminarem de girar pela última vez, todos cairão no chão... Vão se entreolhar e, em seguida, olhar para o mais longe. Estranharão o fato desconcertante de que, na verdade, não chegará ninguém para ajudá-los. Por isso, com toda tristeza, atestarão, uns para os outros, que não serão mais reconhecidos. No chão, completamente desolados, farão esta constatação com um forte sentido de indignação ética: “Mas... Olha... Não vem ninguém?”... “Não vem... Não!”... “E não?”... “Não aparece ninguém, não!”... “Ninguém chegando?”... Cabisbaixos, dirão entre si: ... “Não vem ninguém!” “Não sei não!”... “Mas onde estão... pelo amor de Deus?”... “Não... não... e não”... “Ninguém vem mais não”. **Sexto quadro vivo:** E quando, bate-pronto, todos levantarão e, imediatamente, convergir numa nova formação, o quadro de Portinari, “Os Retirantes”⁵⁵ ... Ficarão estáticos por alguns segundos, enquanto, ao fundo, derrama-se o som pungente de um aboio nordestino.⁵⁶ **Sétimo quadro vivo.** Como se descolassem

⁵⁰Ao fundo, ainda que fragilmente, se ouvirá a música “Grandola” – extraída do vídeo “Grandola, Vila morena - Zeca Afonso”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=galWqy4e7ls>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

⁵¹O Música “O bêbado e o equilibrista” foi colhida do vídeo “Elis Regina - O Bêbado e o equilibrista”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1g_p4Xcn5CE>. Acesso em: 25 jun. 2016.

⁵²Nesse ambiente de extrema miserabilidade humana, numa modulação leve, se escutará a “Lacrimosa” - extraída do vídeo “Mozart – Lacrimosa”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k1-TrAvp_xs>. Acesso em: 25 jun. 2016.

⁵³O poema “O Bicho”. Disponível em: <<https://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1516>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

⁵⁴De forma discreta, apenas compondo o fundo musical para os movimentos realizados pelos atores, estará o áudio editado da música “miséria humana” (Los Aldeanos) – extraído do vídeo “los aldeanos - miseria humana”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OOkkyHjZzXQ>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

⁵⁵Trata-se do quadro “Os retirantes” (Cândido Portinari). Disponível em: <<http://www.doispensamentos.com.br/site/?p=61>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

⁵⁶O áudio editado a partir da montagem combinada de pequenos trechos de aboios extraídos, respectivamente, dos seguintes vídeos. O primeiro é o “ABOIO DE VAQUEIRO. wmv”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z_-wbeW1T04>. Acesso em: 25 de jun. 2016. E o segundo é o “Aboio Nordestino x Música Árabe”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lz2Wnlr1R5U>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

de uma pintura em plena cena, eles iniciam o movimento de uma procissão: primeiro, na pele de “Filhos da seca”⁵⁷ – serão a imagem dos degredados de Eva –; em seguida, na condição de fiéis devotos de São José – herdeiros felizes das graças do Santo do povo⁵⁸, ao som da música “Meu divino São José”. Nesse espírito de devoção contrita, com os olhos voltados para o alto, os atores estarão de joelhos com o coração voltado para as coisas sagradas. Darão passos para retomar a procissão, desta feita, tomando um andor com a imagem do Santo padroeiro⁵⁹, mas são surpreendidos pela entrada de um drogado no palco, em clara demonstração de dependência química. **Oitavo quadro vivo:** O drogado entrará no palco indo na direção dos devotos, mas todos eles se afastarão dele. Paira um clima de medo flagrante. O drogado se sentindo rejeitado, deixará seus cabelos cair sobre seus olhos e, em seguida, paralisará seus movimentos ao mesmo tempo em que, propositadamente, alterará o ritmo de sua respiração. Por fim, com uma expressão de estranhamento em face do seu entorno-mundo, sairá um tanto automático, à procura de uma pedra de craque. Num certo ponto de sua viagem desarrazoada, aos tateios animalescos, conseguirá encontrá-la no chão frio e escuro que abriga uma lixeira. Sem nenhum reparo na sujeira do lugar, transformará a pedra num passaporte mágico para fuga completamente fissurada do mundo sem sentido onde sobrevive. É neste instante que todos, numa só corrente, misteriosamente, imitarão o desenho de estátuas.⁶⁰ Saindo deste momento de quietude, o drogado, cheirando a pedra profundamente, perderá o equilíbrio de seu corpo e ficará cambaleando de um lado para o outro no palco. Enquanto dura essa grotesca dança de passos bêbados – até sua queda comovente –, a atmosfera estará tomada pelo áudio extraído de um vídeo com Marcia Tiburi⁶¹. Logo após o término do áudio, de um por um, todos os atores abandonam o palco. O drogado ficará tragado por sua própria solidão⁶². Até que entra a Irmã Paula – virá acompanhada de uma Irmã ainda muito jovem, e, ao encontrar o drogado, comovida, atende o drogado caído.

CENA X – A IRMÃ PAULA CUIDA DE UM DROGADO

⁵⁷Neste ponto da movimentação cênica, o áudio editado reproduzirá uma mescla de duas músicas do cancionário regional. A primeira é “Légua tirana” – extraída do vídeo “Légua Tirana – Dominguiños”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KG8ATuR1jk>>. Acesso em: 25 de jun. 2016. A segunda, não menos conhecida, é “A morte do vaqueiro” – extraída do vídeo “A morte do vaqueiro - Luiz Gonzaga”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jSWwftxSQQ>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

⁵⁸O áudio foi extraído de um trecho do vídeo “Meu Divino São José (Oração para Pedir Chuva) – Roberto Costa”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CESDU3fesUY>>. Acesso em: 26 de jun. 2016.

⁵⁹Áudio com a voz de Humberto Aidar rezando a oração de São José – extraído do vídeo “Oração de São José - Humberto Aidar”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r1VV-wcS6uw>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

⁶⁰Áudio com a voz de Pe. Zezinho demarcando um “tempo de profundo recolhimento existencial” – extraído do vídeo “Padre Zezinho e Irala - À Sombra de Tuas Asas”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WqaURT_Axc4>. Acesso em: 27 jun. 2016.

⁶¹O áudio editado foi extraído do vídeo “E agora” - Marcia Tiburi. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fUy9j9u-7bgM>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

⁶²Música de preparação de atmosfera “Ô Seigneur de ma vie” – Marie Keyrouz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VKMok4QXNVQ>>. Acesso em: 20 mar.2016.

(A cena se abrirá com Irmã Paula recolhendo o drogado e falando com a nova irmã que procura sua missão⁶³. Entra a Jovem irmã para ajudar a Irmã Paula na acolhida e no cuidado do drogado.)

IRMÃ PAULA: *(Ajoelhada ainda fala com autoridade pastoral para ela) – Filha, tu não querias saber qual era o teu próximo? (Apontando para o drogado) Pois eu te digo: é todo aquele que solicita a responsabilidade do teu cuidado!*

IRMÃ JOVEM: *(Ajoelha-se para cuidar do drogado, mas ainda cheia de receios, e vendo-se sem saída, pergunta) – Esperas tanto de mim! Mas eu ainda não sei se esta é minha missão?*

IRMÃ PAULA: *(Assertiva e pegando um lenço para limpar o drogado) – Se queres ser uma das nossas, tua primeira missão é acolher o chamado da pobreza do outro, em todas as suas formas de miserabilidade!*

IRMÃ JOVEM: *(Pensativa, ajudando a segurá-lo) – Há tanto por fazer, eu sei. Mas por onde começar?*

IRMÃ PAULA: *(Levantando o drogado cuidadosamente) – Um gesto concreto de oblação. Pega-o comigo! (Vai para comunidade da Ilha de Santana)*

IRMÃ JOVEM: *(Ajudando o drogado a levantar) – E a segunda?*

IRMÃ PAULA: *(Rindo enquanto coloca a mão do jovem sobre o ombro) – Toda vida para ser educadora do reino de Deus! (Leva o drogado para Comunidade com autoridade) Vem comigo!⁶⁴ (Saem buscando abrigo na comunidade “Ilha do Rato”).*

CENA XI – O NASCIMENTO DE UMA NOVA COMUNIDADE E A CHEGADA ZELOSA DE IRMÃ PAULA EM SEU MEIO.

(Ao fundo do palco, na sua parte direita, junto à sala de jantar pernambucana, encontrar-se-á instalada a comunidade “Ilha do Rato”. Nela, um grupo de pessoas estará reunido ao redor de um fogareiro improvisado. Notar-se-á em tudo os sinais da pobreza extrema que recobre aquele lugar. Há apenas bancos velhos de madeira visivelmente reaproveitada, uma pequena mesa baixa, com seus pés de ferro comidos pela ferrugem e uma grande lata de tinta – justamente servindo de fogareiro que sustenta um grande caldeirão soltando fumaça. É o famoso caldeirão de sopa da comunidade. Cada um vai dando o que tem para sua preparação. Aliás, para muitos da roda, sem exageros, aquela será a única refeição do dia. Encostados uns nos outros, todos estarão querendo vencer o frio de uma noite que teima em ser bastante chuvosa.)

(Escuta-se o barulho de trovão e o tilintar dos pingos da chuva batendo nos telhados de plástico e papelão.⁶⁵)

⁶³Áudio editado extraído do vídeo “Amor” será cruzado, em apresentação simultânea, com o trecho do vídeo “LINDA MENSAGEM DE AMOR PARA VOCÊ! 2016.”, para marcar o sentido do serviço e da vocação humanas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y6rDK3LkkOE>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

⁶⁴Enquanto ela carrega o drogado, ombro a ombro, seguirá a execução da música “Em nome de Deus”. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/em-nome-do-deus.html>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

⁶⁵Áudio editado com o som de chuva e trovoadas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5NhLg1F9pMo>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

ZÉ DANTA: *(Chega correndo)* – Que chuva danada é essa?! (E fica em pé junto dos outros na roda)

PEDRO: *(Sem olhar para ele)* – Tá no tempo dela, Zé!

ZÉ DANTA: *(Reclamando)* – Mas precisava ser a madrugada toda?

ROSA: *(Com frio e pensando nos estragos da chuva)* – Não adianta reclamar! *(Ajeita o velho casaco nos ombros).*

PEDRO: *(Sorrindo)* – No barraco só via o pinga-pinga das gotera!

ZÉ DANTA: *(Debochando)* – Ah! Então foi por isso que tu veio pra cá! *(Pedro sorri, concordando com Zé Dantas, e depois aponta para sopa. Zé entende na hora o que ele quis dizer).*

ROSA: *(Seca e mexendo a sopa, indaga)* – Zé, vendesse alguma coisa?

ZÉ DANTA: *(Tirando repentinamente o riso fácil de seu rosto, enquanto triste, nega com o movimento de cabeça)* – Nada, Rosa. *(Justificando seu sentimento de fracasso com uma falsa pergunta)* O papelão tano moiado... tu sabe, né!?

ROSA: *(Pegando a concha para tirar a sopa da vasilha)* – Tás com fome? *(Ele balança a cabeça afirmativamente e ela sorrindo pega a tampa do caldeirão)* Então senta que só tem sopa das Irmã!

ZÉ DANTA: *(Envergonhado, como a dizer que não tem direito de comer da sopa, pois não contribuiu com nada para sua feitura)* – Num trouxe a vasilha *(E baixa a cabeça)*

ROSA: *(Pegando uma vasilha)* – Oxé, home! Tem nada não!

LULA: *(Querendo ser engraçado)* – Deixa de teu pantim!

ROSA: *(Olhando para Lula com uma cara de desacordo)* – Come aqui mermo! *(E aponta uma vasilha plástica que tem sobrando na mesa.)*

PEDRO: *(Olhando para a porta e pegando mais sopa)* – Alguém pede aí pra São Pedro parar essa chuva. Tá me dando medo!

LULA: *(Fazendo um gracejo)* – E tu é criança, é? *(E mete uma colher de sopa na boca como se fosse um bichinho faminto).*

PEDRO: *(E olha para Rosa e sem se importar com o que disse Zé Danta)* – Tem pão, Rosa?

ZÉ DANTA: *(Dando uma golada enquanto escuta um relâmpago)* – Heita... melho tu pedi ota coisa. *(Aponta com a colher)* Tu visse o relampo?

PEDRO: *(Insistindo com Rosa)* – Rosa? *(E aponta para a vasilha).*

ROSA: *(Crua)* – O que é, menino?

PEDRO: *(Quase sumindo de desconforto)* – Tem pão?

ROSA: *(Encarando-o com aspereza)* – Tu num já tem sopa, danado! *(Ele afunda seus ombros no silêncio e toma um gole envergonhado)* Ainda qué pão?

LULA: *(Sem tirar os olhos da vasilha, crava com dureza)* – Ele num sabe que só tem pão do santo na terça?

PEDRO: *(Lastimoso)* – Vôte, é só um pão pra engrossar a sopa!

LULA: *(Puxando a orelha dele brincando, e com voz de quem se faz de chateado)* – Mas hoje é sexta, abestado!

ROSA: *(Com raiva, apontando com a colher de pau)* – Que dizê que a sopa tá rala, é? *(E fazendo movimento de quem bate na cabeça dele com a colher)* Que bicho mal agradecido!

LULA: *(Fala grosso, mas rindo)* – Qu’eu fosse tu dexava o resto! *(E batendo na barriga)* Tem quem quêra!

(Repentinamente chega a Irmã Francisca)

IRMÃ FRANCISCA: *(Sem graça, tirando a capa de chuva)* – Boa noite! Procuo Ir. Ana Julia Pinho.

ROSA: *(Sem levantar a cabeça)* – Boa noite! *(E levantando para dar a mão)* Eu sou Rosa! *(A Irmã Francisca se apresenta enquanto dão as mãos uma à outra)* Ela mora aqui! *(Vira-se espontaneamente para Zé Danta)* – Tu visse ela, Zé? *(Envergonhada, balança a cabeça negativamente)*

PEDRO: *(Intrometido)* – Irmã Ana tá na associação dos moradô. Qué fala cum ela, é? *(E já vai se levantando).*

ROSA: *(Interrompe, colocando a mão em seu peito)* – Eh, menino apresado!

ZÉ DANTA: *(Afundando o rosto na tigela e rindo)* – E metido!

PEDRO: *(Chateado)* – Não te interessa!

ROSA: *(Olhando para Irmã Francisca)* – Dexe a irmã dizê o que qué, primeiro!

IRMÃ FRANCISCA: *(Sorri sem graça)* – Deixe, não tem problema... *(Olhando para Pedro com certa gentileza)* Quero sim. *(Olhando para o céu que se vê pela janela aberta)* Mas deixe passar essa chuva... não quero dar trabalho! *(Pedro se convence e aquieta-se).*

ZÉ DANTA: *(Chateado ainda com a atitude de Lula, fala para um morador que estava sentado do outro lado da janela, numa espécie de banco feito de barrotes marcados pelos cupins)* – Vai chama ela, Dinga! *(O morador que estava sentado escutando rádio de pilha sai correndo no meio da chuva.)*

ROSA: *(Puxa um banco)* – Irmã, venha senta perto do fogo. *(E constatando seu vestido molhado)* A senhora tá toda molhada! *(Passa uma toalha para ela limpa, muito embora esfarrapada. A Irmã Francisca recebe sem mostrar nenhum receio).*

IRMÃ FRANCISCA: *(Sentando cheia de embaraço, e enquanto vai enxugando os braços)* – Não precisa se incomodar. *(Tira o casaco, e se sentando)* Eu estou bem aqui. *(Rosa, vendo sua timidez, toma a dianteira com um aceno gentil das mãos e pede com um sorriso que se aproxime, enquanto aponta no banco um lugar vazio para que ela se sente ao seu lado, no que ela, devolvendo o sorriso, aceita prontamente, mesmo desconfortável com a situação de todos estarem com os olhos compreensivelmente fixados em sua direção)*

PEDRO: *(Ajeitando o chapéu e tentando mudar o foco da atenção, vê um raio fazer-se no céu)* – Heita! Quem tem medo prepare os olvido, que já já vem trovejo.

ROSA: *(Sem ânimo)* – Pouco mais alaga tudo.

ZÉ DANTA: *(Olhando para Irmã)* – É... mas pelo menos num fica com água até o juelho. *(Mostra a medida com exagero tocando no joelho)* Como antigamente.

PEDRO: *(Desavisado, fala sem pensar no que diz)* – E não? Tu vai vê a enganação. A prefeitura tá enrolando a Irmã.

ROSA: *(Cai de cabeça no que diz ele)* – Num tinha canal, agora tem, e quem tu acha que ajudou a trazer, maluvido? Foi tu?

PEDRO: *(Se encolhendo no banco e com a voz pequena envenena a prosa)* – Mas num vai calçar isso nunca.

LULA: *(Cortante)* – Tu num sabe como era isso, não. Chuva era sinal de desgraça certa. Toda vez a gente perdia os cacareco tudo.

ZÉ DANTA: *(Convicto, parando de comer)* – As irmã junto a gente e foi tudo na prefeitura. Só saímos de lá com a promessa de abri o canal. Foi luta, mas taí.

PEDRO: *(Voltando à carga)* – Ah!, mas é calçamento, e a ponte pra nós passá que é bom, nada! Num adianta fazê pela metade. Fica assim tudo num chiqueiro!

ROSA: *(Irritada)* – Uma luta por vez. Elas dizem isso. E eu tô com elas.

PEDRO: *(Sem ligar para a concordância do grupo)* – Vai sê esse lamacero dos infernos Sempre!

ROSA: *(Convicta do salto de qualidade)* – Mas agora agente aprendeu a lutar!

PEDRO: *(Retruca com raiva)* – E isso prova o quê?

ROSA: *(Emocionada)* – Dignidade!

PEDRO: *(Enfrentando)* – Isso não vale nada pra eles! *(Apontando com rispidez para o lado de fora, além dos muros da comunidade)*

ZÉ DANTA: *(Contesta)* – Num valia pra gente também!

PEDRO: *(Alterado)* – Quantas vez já fomo na prefeitura e ninguém nem ouvia... e a gente vortava com o rabo entre as pernas!

ROSA: *(Batendo no peito com forte emoção)* – Mas sabendo que tivero que negá um direito, não uma esmola.

PEDRO: *(Com dura ironia)* – Poxa, que mudança. Olha só como estamos no conforto céu!

ROSA: *(Devolve na mesma moeda)* – Não. Mas fez diferença pra gente. Direito não é esmola. Por que tu num conta isso, né mermo?

PEDRO: *(Sem olhar para ela, quase como se não quisesse ser ouvido)* – Porque pra eles é esmola.

ROSA: *(Querendo ser esclarecedora)* – Tu não vê nada de bom?

PEDRO: *(Rindo, tentando ser irônico)* – Diz isso lá fora.

ROSA: *(Altiva)* – A gente tem respeito!

PEDRO: *(Rindo, como para desarmá-la)* – É? Então fala que é da ilha do Rato! *(E vai tentando dar a tigela para ela colocar mais sopa)*

ROSA: *(Tirando a colher da boca e apontando com a colher)* – Deixe de sê besta. Você pensa pequeno. *(E tira o balde de sopa de perto dele)*

ANDRÉ: *(Recua receoso)* – Que bicho mordeu ela?

ZÉ DANTA: *(Interfere)* – Pedro, isso num é motivo pra graça!

PEDRO: *(Olhando para o balde de sopa e com cara de tristeza)* – E eu vou ficar sem sopa por isso...?

ROSA: *(Meio rindo e meio brava)* – Eu bem que devia, pra você aprendê!

LULA: *(Sem mexer a cabeça, encara Pedro)* – Tiro a razão dela, não!

(O clima emocional fica carregado por alguns segundos. Por isso, a Irmã Francisca, sem nenhuma familiaridade com aquelas pessoas, coitada, só fazia cara de medo. Vendo isso, Rosa tenta acalmá-la.)

ROSA: *(Preocupada com a irmã, muito calada)* – Vida em comunidade é fogo, né irmã?

IRMÃ FRANCISCA: *(Balança a cabeça afirmativamente)* – Nem me diga! *(E pensativa)* Eu sei bem o que é isso!

ROSA: *(Demonstrando preocupação)* – Qué mais alguma coisa?

IRMÃ FRANCISCA: *(Puxando o banco)* – Aceito, um pouco d'água?

ROSA: *(Passando o copo)* – De onde veio a senhora, posso saber? *(E enchendo-o com gentileza)*.

IRMÃ FRANCISCA: *(Toma de um gole e cansada)* – De Recife!

ZÉ DANTA: *(Surpreso)* – Vixe, minha gente. Isso é longe de mais!

IRMÃ FRANCISCA: *(Fala mostrando cansaço)* – E imagine num tempo desses.

LULA: *(Intrometendo-se, sem nenhum cuidado)* – E pra vê o que nesse fim de mundo?

ZÉ DANTA: *(Com ar de correção na voz)* – Poxa vida, Lula. Num sabe fica calado, não? *(Lula se fecha e volta a comer)*

IRMÃ FRANCISCA: *(Enquanto dobra uma das pernas para tirar o sapato e massagear o pé)* – Estou muito cansada!

PEDRO: *(Rindo enquanto mexe a sopa)* – Pudera!

IRMÃ FRANCISCA: *(Querendo desfazer um possível e lamentável mal entendido)* – Não. Por Deus, não foi o que eu quis dizer, não é por causa do lugar!

LULA: *(Descontraído)* – Tem que se discupa, não, Irmã. Olha onde nós mora!

ZE DANTA: *(Indignado, protesta)* – Tu sempre tem que botá a comunidade pra traiz!

PEDRO: *(Ironizando)* – E por que não?

LULA: *(Zombando)* – Ele enche a boca de comunidade!

ZÉ DANTA: *(Seco)* – É!

LULA: *(Renitente)* – Que comunidade?

ZÉ DANTA: *(Fazendo no rosto uma expressão fechada)* – E?

PEDRO: *(Afastando-se, sem perder o foco em seu ponto de vista, ataca)* – Então, por que tu acha que deram esse nome, miserave?

ROSA: *(Contesta)* – Já te disse que não é onde nos mora que importa... Isso é preconceito!

PEDRO: *(Quase sem respirar, com medo de ser criticado de novo)* – Pra mim é!

ROSA: *(Aguda, sem importar-se, descarrega)* – Pois né não? É como a gente se vê!

ZÉ DANTA: *(Pensativo)* – Mas Pedro tá certo numa parte, Rosa. Num deixa de ser um nome que ofende. *(Faz uma cara triste e sentida)* Só lembra sujeira!

ROSA: *(Protesta decepcionada)* – Às vezes eu penso que vocês não aprendeu nada!

PEDRO: *(Não escondendo sua impaciência, quase como desabafo)* – Pronto, parece que só ela escuta as irmã.

ROSA: *(Meio chorosa, fulmina com os olhos Pedro)* – O nome disso é ingratidão! *(Olhando para todos em volta, apontando)* Não é o lugar que faz isso com a gente!

ZÉ DANTA: *(Contesta, sem olhar para Rosa)* – E não! *(E vai pegar mais sopa)*

ROSA: *(Parando sua mão e segurando-a)* – Zé, a irmã já disse tanto... É como a gente faz esse lugar que é a questão!

ZÉ DANTA: *(Tirando sua mão sem forçar o movimento)* – Então, gente, aqui devia ser Ilha dos gatos! *(E querendo descontrair, solta uma sonora risada)*

ROSA: *(Irritada)* – Tá vendo, nós mesmo não se respeita!

IRMÃ FRANCISCA: *(Interrompendo, com voz receosa, tira a toalha de seus ombros)* – Desculpem-me, mas é uma pena que ainda estejam assim! *(Entrega a toalha a Rosa e fazendo menção de levantar-se.)*

ROSA: *(Alterada)* – Tás veno?

PEDRO: *(Fechando-se com vergonha no rosto)* – O quê foi?

ROSA: *(Não consegue conter-se, e lhe dando um beliscão)* – Que raio de home da boca grande!

PEDRO: *(Ele não acusa a dor, mas esfregando o braço)* – Eu disse alguma mentira?!

IRMÃ FRANCISCA: *(Contrariada, enquanto Rosa a convence de não levantar-se, fazendo uma cara de quem necessita de sua presença, e ela, olhando para Rosa, confessa)* – A Irmã Ana tinha falado em outra situação, desde quando veio para cá. *(Com tristeza, se senta de novo)* Parece que ela estava enganada!

ZÉ DANTA: *(Tentado contornar a situação)* – Ligue não, Irmã. Pedro tá chorando de barriga cheia, mas sabe que as coisa estão melhorando na Ilha!

IRMÃ FRANCISCA: *(Curiosa, como a querer voltar a acreditar naquelas pessoas)* – E desde quando o senhor acha que mudou?

ZÉ DANTA: *(Interrompendo, meio confuso por não saber como responder, se volta para Rosa)* – Rosa, quando foi que tu viu as coisas melhora na Ilha? *(A irmã muda o foco de visão para Rosa, tentando encontrar-se face a face com ela)*

ROSA: *(Precisa)* – Eu acho que foi com a chegada das irmãs.

IRMÃ FRANCISCA: *(Quase fazendo um teste de sondagem)* – Agora eu fiquei curiosa. Por quê? *(Com a cara estranhamente séria)* – Elas rezam, faz catequese com as crianças, ajuda quando tem missa na capelinha de Pe. Antônio!

ROSA: *(Coloca-se pensativa, quase olhando para o longe)* – Isso ajuda, mas não foi por nada disso, não!

ZÉ DANTA: *(Curioso)* – Por que tu pensa assim? *(Rosa se cala de olhos baixos.)*

LUIZ: *(Sem entender)* – Quem ficou curioso agora fui eu. O quê...

IRMÃ FRANCISCA: *(Sem conter-se de curiosidade, interrompe sem dar por isso)* – O que foi então, Rosa?

ROSA: *(Pensando um pouco para maturar as ideias, repentinamente assume uma face de quem se sente sonhando e sorrindo)* – Irmã, não sei explicá direito, mas os ares mudaro com elas aqui!

ZÉ DANTA: *(Ponderando ao percebe uma claridade se abrindo em seu coração velho e cansado de derrotas)* – E no é que é mermo?! *(E começa a falar como quem vai contar uma história)* Quando as irmãs viero pra cá a...

IRMÃ FRANCISCA: *(Ela interrompe novamente, ainda mais curiosa, mas agora emocionada, pois, tocada pelo sopro do Espírito Santo, sente que a missão da congregação está sendo realizada por uma via que ela jamais poderia imaginar)* – E como era antes?

ZÉ DANTA: *(Com voz de lamento repentino)* – Ave Maria, dona, nem quera sabê. A comunidade era toda abandonada.

ROSA: *(Sensibilizada e olhando para Zé Danta)* - Mesmo assim elas viero ficá com nós.

PEDRO: *(Cortando o clima de nostalgia)* – Foi por isso que no começo... *(Faz uma pausa emocionada)* todo mundo ficou desconfiado. *(Fazendo o sinal com o dedo para insinuar que ela era ruim da cabeça)* Como pode querê mora num inferno desse?

ZÉ DANTA: *(Concordando, meio envergonhado)* – É verdade, irmã. No começo eu mermo fiquei estranhano! Agora que as laranja do balai tão pode elas vão fazê suco?

IRMÃ FRANCISCA: *(Coloca a mão na boca)* – Laranja podre?

PEDRO: *(Pensativo)* – Eu pensava que nem ele, irmã!

IRMÃ FRANCISCA: *(Procurando os olhos de Zé Danta)* – O quer dizer... seu..

ZÉ DANTA: *(Para a colher no meio do caminho da sua boca e interrompe)* – A gente era a laranja pode, dona! Neste *(Olhando em volta)* o balai só tinha laranja estragada. *(Botando um gole de sopa na boca, mas sem nenhum gosto)* Na fera desse mundo, Irmã, o destino de laranja ruim é o lixo!

IRMÃ FRANCISCA: *(Meio desconcertada)* - Como podiam pensar assim de vocês mesmo... *(Olhando para Rosa buscando alguma ajuda)* É estranho... não podia ser bom quem quisesse ficar com vocês?

ZÉ DANTA: *(Quase em tom de denúncia)* – E o que a senhora queria? Ninguém gostava daqui. *(Com tristeza)* Irmã, a gente se escondia. Todo mundo dizia que era de oto luga!

ROSA: *(Tentando explicar a situação)* – Disse tudo! *(Batendo no peito)* A gente mermo botava a comunidade pra trai. Num dava valo a nada que fosse da Ilha!

ZÉ DANTA: *(Seco)* – Era cada um por si e Deus por ninguém!

PEDRO: *(Sem filtro, solta)* – Lei do cão! *(E depois fecha a boca, ao se dar conta que tinha uma irmã na sala)*

LULA: *(Como quem afirma algo importante)* – E como ia ser diferente? *(Fazendo um gesto de desinteresse com as mãos)* Uma vez do Rato *(E não termina a frase, acreditando que seria por todos compreendido e acatado).*

ZÉ DANTA: *(Na mesma linha de pensamento)* – Antes nós era feito cachorro sem dono. *(Fica sem graça quando sente que acabou a sopa no prato e ainda sente fome. E olhando para Irmã Francisca)* Irmã... *(E insinua oferecendo o prato vazio, querendo mais sopa)*

IRMÃ FRANCISCA: *(Pegando mais sopa mas agora já com o olhar triste distante)* – E como se vive assim, minha gente!

ZÉ DANTA: *(Como quem fala consigo)* – Pra mim, bastô desacredita de tudo... inté d’eu mermo!

IRMÃ FRANCISCA: *(Tentando animá-lo quando o corrige)* - Deus não quer isso... A esperança é última que morre!

PEDRO: *(Corta sem nenhum reparo no modo cortante como fala)* - Então, aqui ela já nasceu morta! *(Respira enquanto se dá conta de sua fala ligeira, e completa)* – As pessoa num dava trabai se fosse do Rato, né Rosa?

LULA: *(Falando desgostoso)* – Eu mesmo não dava!

IRMÃ FRANCISCA: *(Interessada, olha para eles com toda atenção)* – E como vocês faziam para arranjar trabalho?

ZÉ DANTA: *(Olhando para o fogareiro)* – Tinha que faze bico por aí, pra sobreviver.

ROSA: *(Direta e cinicamente, olha para irmã Francisca)* – Ou tinha que mentir para arranjar trabalho. Eu mesmo mentia, né! *(Ela descreve com desenvoltura)* – Teve um dia que patroa perguntou onde eu morava. Eu disse Rua da Divisa. *(Rindo e falando baixinho)* Bem baixinho para ela não ouvi. E *(Eleva a voz)* ela: Fica onde isso? *(Com a própria voz)* Eu disse: Beberibe! *(Faz outra voz mostrando que havia estranheza vestida de nítida desqualificação)* Ela: *(Pausa)* Beberibe é grande! *(Voz gasguita de quem tem desprezo)* Tem um ponto de referência, não? *(A voz volta ao natural)* Pensei... pensei comigo... Se disser a verdade, eu fico desempregada... e soltei a lebre... *(Grita como barraqueira)* Fica junto do cemitério! *(Todos riem)* *(Ela pegando no braço dos próximos da roda)* Menino! Ela grelô os olho verdão pra eu e saltô pra traz engolindo seco *(E rindo como uma menina)* Pense num susto... *(E fechando a boca para conter o riso)* mudou logo de prosa... *(Assume uma nova voz de uma pessoa que está desconfiada e com medo de alguma coisa)* Deixei um vestido na cama pra tu passa *(Rindo com certo deboche)* e foi saino de fininho, como gato com medo de chuva!

IRMÃ FRANCISCA: *(Visivelmente mais enturmada, ela ri à toa)* – E o que ela fez depois do susto, Rosa?

ROSA: *(Rindo)* – Nunca mais tocô no assunto! Fico com medo!

ZÉ DANTA: *(Decidido)* – Mas tudo é passado. Aprendemo com as Irmã a saber dos direito, tumamo gosto, começamo a lutá.

IRMÃ FRANCISCA: *(Seguindo na mesma alegria)* – E pelo que estão lutando agora?

ZÉ DANTA: *(Cheio de convicção)* – Rosa diz que primero nos tamo arrumano a casa. *(A Irmã não entende e Rosa, percebendo isso, atrapalha a fala de Zé)*

ROSA: *(Altiva)* – O jeito que a gente vive com a gente, entende? *(A Irmã entende)*

IRMÃ FRANCISCA: *(Compartilhando da alegria)* – Entendo. Entendo tudo, agora. E começo a pensar numa bela passagem da Bíblia, que eu ouvi na missa da manhã de hoje. *(Juntando as mãos serenamente)* “E Deus viu que tudo era bom!” *(Olha distante como se falasse para si mesma)* Não vale só para o princípio da criação. Nós participamos da criação na história.

ROSA: *(Levanta-se para tocá-la e com isso trazê-la de volta em seu espírito)* – Irmã, a senhora está bem?!

IRMÃ FRANCISCA: *(Ela volta os olhos para Rosa, e pegando seu rosto) – Vocês estão fazendo na Ilha uma nova terra. Vivendo a Palavra. (Com os olhos marejando, quase como quem vai falando para si mesma) Meu Deus! E agora eu percebo minha grande injustiça. Condenei Irmã Ana quando ela queria apenas ser Doroteia de outro jeito. Ir para o meio do povo, ser um povo-comunidade. Isso é fazer valer a palavra de Deus. (Eles estão olhando para ela sem entender o sentido de seu monólogo emocionado) e Deus vê que tudo é bom quando agimos assim! (Compenetrada e passando a mão na cabeça em sinal de arrependimento) Que irmã sou eu se não sonho esse sonho? (Rosa tentando chamar a sua atenção)*

ROSA: *(Suspirando e rindo ao mesmo tempo) – Irmã, nós também temos um sonho, sabe?*

IRMÃ FRANCISCA: *(Voltando a si, indaga com cuidado) – Com o que vocês sonham?*

ROSA: *(Rindo decidida) Ora, Irmã, a senhora já devia ter notado. (Ela balança a cabeça rindo negativamente. É quando ela revela com intensa satisfação) Nada de ser mais da Ilha do Rato!*

LULA: *(Num repente, se levantando) – Perá! (Pensa consigo) e por que não começamos hoje mermo?*

ZÉ DANTA: *(Seco) – O quê?*

LULA: *(Incisivo) – Sair do sonho. Mudar de casa. (E vai para junto de Rosa)*

ROSA: *(Sem entender nada, indaga) – E como se faz isso? (Lula vai contar no seu ouvido. Nisso vai chegando Irmã Ana)*

IRMÃ ANA: *(Adentra, e curiosa interroga com doçura) – Gente, o que é isso? Uma chuva danada e... (É quando nota que Irmã Francisca está presente na sala e entre surpresa e alegre aponta) Francisca, você veio!*

IRMÃ FRANCISCA: *(Abrindo os braços com um sorriso profundo) – Lembra a parábola do filho pródigo...Pia...*

IRMÃ ANA: *(Sem esperar mais, vai devolvendo o sorriso largo) – Que alegria ter você, minha irmã, nesta casa! (Ela vai abraçar calorosamente Irmã Francisca que já se encontra emocionada e depois volta atenção para o seu povo) Mas, afinal, que tanta alegria junta é essa?*

ZÉ DANTA: *(Coçando a cabeça) – Quanta confusão, a senhora devia dizer!*

IRMÃ ANA: *(Indo para perto de Rosa) – É. Mas o que houve?*

ROSA: *(Querendo ser a primeira a apontar a situação) – Nada demais, não. É que Lula ficou doido e quer queimar um rato.*

ZÉ DANTA: *(Confuso) – Lula, o que isso tem que ver com o sonho de Rosa?*

LULA: *(Interagindo, mas agora com autoridade) – É... pra gente mudar de nome... (Percebendo que ninguém entende nada pelo silêncio que fazem, ele retoma, tentando ser mais claro) Tu num vive dizendo que a gente mudo? (Olhando para Zé Dantas) Então, queima o Rato... e muda o nome do lugar que a gente mora!*

ROSA: *(Áspera) – Queimá um rato molambento num vai mudar a vida na Ilha.*

IRMÃ ANA: *(Tomando a iniciativa de organização) – Mas não deixa de ter seu simbolismo.*

ROSA: *(Descrente)* – É hora de luta, não de inventar moda!

IRMÃ ANA: *(Discordando com um riso simpático)* – Ao contrário, Rosa. Você desconhece a força do símbolo!

ROSA: *(Protestando)* – Mas é uma ideia sem pé nem cabeça.

IRMÃ ANA: *(Aproximando-se, com energia e ternura)* – Pode ser. É um bom momento para testar. Pode significar um novo começo.

ZÉ DANTA: *(Acompanha a reprovação)* – Queimando um rato de papel?

IRMÃ ANA: *(Didática, mas emocionadamente enfática)* – Para simbolizar que não queremos mais ser “lá do rato” *(Embarga a voz)* Porque esse nome humilha, nos humilha, faz a gente ter vergonha da gente! E isso tem que mudar *(Inflamada de entusiasmo)* E tem que ser agora. Chega, não somos do Rato. *(Todos se enchem de alegria e vibram, infelizmente menos Rosa.)*

LULA: *(Cheio de entusiasmo)* – Isso, Irmã! Falou bonito! *(E vai saindo)* Hoje ele desinfeta daqui.

ROSA: *(Pegando-o pela manga da camisa)* – Eu acho uma tremenda besteira!

IRMÃ ANA: *(Livrando-o das mãos de Rosa)* – Deixe estar, ele só quer ajudar! Lula tem direito de ser feliz! *(Ele sai rápido)*

ROSA: *(Olhando para baixo)* – Quer dizer, iludido!

IRMÃ ANA: *(Pegando Rosa pelos ombros com ternura de irmã mais velha)* – Não seja uma estraga prazeres. Deus não quer isso de você!

ZÉ DANTA: *(Indagando enquanto coça a cabeça com certo nervosismo)* – E como vai ser isso, Lula?! *(Lula sai na maior correria, sem falar nada com ninguém. Zé estranha e ri, enquanto vai sentar-se)* O que aconteceu com esse miolo mole?

PEDRO: *(Escutando gritos de “Minha gente”, “Minha Gente”, levanta-se, e olhando para janela espanta-se com o que vê)* – Zé, Lula tá voltando pra cá!

ZÉ DANTA: *(Encostando-se para ter mais conforto na coluna e colocando uns papéis nas costas)* – E daí?

PEDRO: *(Olhando para Zé, com olhos admirados)* – E vem carregando uma coisa grande nas costas.

IRMÃ ANA: *(Levanta-se para olhar a janela, ajeitando o casaco velho nos ombros)* – O que ele é? *(Lula entra com um rato grande nas mãos. Pedro fica olhando assustado.)*

ZÉ DANTA: *(Rindo)* – Veja a senhora mesma!

IRMÃ ANA: *(Surpresa)* – Minha nossa senhora, é um grande rato! *(Lula levanta acima da sua cabeça o rato grande feito de bucha e papel)*

ZÉ DANTAS E ROSA: *(Batendo palmas)* – Que coisa mais feia! Que coisa mais suja!

LULA: *(Balançando o rato)* – É. E o que a gente faz com ele pessoal?

TODOS: *(Na maior algazarra, pegando o Rato de todos os modos possíveis na roda e batendo palmas)* – Ora... queima, queima, queima!

IRMÃ ANA: *(Rindo com intensidade)* – Gente... gente...gente! *(Como ninguém para de gritar, ela faz gestos com as mãos para dizer que precisa de silêncio)* Calma, calma,

silêncio... A gente queima, tudo bem! Mas por que não aproveita para batizar a comunidade com outro nome?

ROSA: *(Agora com o rosto banhado de contentamento, concorda com intensidade)* – Is-soooo... Eu topo... tava mais que na hora de mudar... *(Lula segue balançando o rato e todos querendo bater no rato ou tentando derrubá-lo)*

PEDRO: *(Para e interroga sem entender)* – Pra quê mudar o nome?

IRMÃ ANA: *(Indo ao seu encontro e olhando em seus olhos)* – Pedro, não lembras da conversa na capela, ontem? *(Ele estranha e balança a cabeça negativamente, meio triste, e ela o recorda, com ternura, segurando seu rosto)* Falávamos sobre o nascer de novo, meu irmão! *(Ele sorri)*

ZÉ DANTA: *(Mudando a postura acomodada, levanta-se e, entusiasmado, dá um beijo em Lula)* – Taí. Gostei da ideia. Chega de Ilha do Rato!

LULA: *(Limpendo o beijo no seu rosto)* – É isso mesmo, irmã! Vamos tacar foco no rato!

IRMÃ ANA: *(Incentivando)* – Calma Lula... nada de pressa... Só sabemos o que não mais queremos ser... *(Todos se calam e olham para ela)* Mas, então, qual será o novo nome?

ZÉ DANTA: *(Olhando para Rosa, comenta convicto e contente)* – Essa irmã é mesmo uma santa!

LULA: *(Perto de Zé Dantas e Rosa, grita entusiasmado)* – Heita... Já sei qual é o nome *(Todos olham para ele)* A irmã, a gente diz que é uma santa, né?

TODOS: *(Em alta voz)* – É!

LULA: *(Olhando para Irmã Ana)* – E o nome dela é Ana... *(A irmã ri sem entender nada ainda)*

ZÉ DANTA: *(Como se esperasse um complemento)* – Sim!

ROSA: *(Cobrando)* – É!

PEDRO: *(Impacientando-se)* – E daí?

ROSA: *(Quase estourando)* – Lula, desembucha logo!

LULA: *(Como se fosse óbvio):* – É muito simples pessoal. Se a gente vive diferente, tem que sê reconhecido por isso.

ZÉ DANTA: *(Sem acabar de compreender aonde Lula queria chegar, impacienta-se)* – Eu sei. Mas o que isso tem a ver com a história?

LULA: *(Emocionado, apontando para a irmã Ana)* – Ela ajuda nois a viver. Tá na hora de agradecer.

ROSA: *(Sem conseguir conter a curiosidade)* – E o nome, diz logo!

LULA: *(Cheio de alegria)* – Eu queria me lembrar de Irmã Ana toda vez que eu falasse onde moro!

ROSA E ZÉ DANTA: *(Surpresos com a sensibilidade de Lula)* – Num é que faz sentido?!

LULA: *(Indo para perto de irmã Ana e tocado pela emoção)* – Eu vou lembrar-me da senhora, Irmã Ana... uma santa... *(Pegando a mão dela enquanto se vira para todos)* Vamos chamar Ilha de Santana!

IRMÃ ANA: (*Experimentando*) – Santana. Ilha de Santana! (*Radiante*) Que belo nome! Será uma grande homenagem às minhas Irmãs Doroteias!

TODOS: (*Gritando e batendo palmas*) – Muito bem! Viva!

(*É nesse momento que Irmã Paula chegará à comunidade trazendo o drogado consigo.*)⁶⁶

IRMÃ PAULA: (*Trazendo o drogado, segurando-o pelos ombros*) – Meus irmãos, trouxe esse jovem da rua da miséria. Ele não tem onde morar!

IRMÃ FRANCISCA: (*Com prontidão*) – Ah! Ele fica com a gente! Venha!

IRMÃ TAISA: (*Observadora*) – E pelo jeito, está com fome.

IRMÃ CARLA: (*Solícita*) – Está com fome, meu amigo? (*Drogado afirma balançando a cabeça*)

IRMÃ TAISA: (*Adiantando pra servir*) – Então chegou na hora certa. A gente está jantando! Tem sopa das irmãs. Quentinha!

IRMÃ PAULA: (*Indo para junto do drogado*) – Pega uma vasilha pra ele, Rosa!

DROGADO: (*Atento ao movimento de encher sua vasilha*) – E dá pra todo mundo?

IRMÃ PAULA: (*Cheia de felicidade, fala para o drogado*) – Antes não tinha nem para gente. Era o tempo da Ilha dos Ratos. Mas depois que as irmãs chegaram à comunidade os ares mudaram da água para vinho. A gente se organizou. E agora é ilha de Santana. Todo mundo come todo dia.

IRMÃ CARLA: (*Acrescentando enquanto dá a sopa para o drogado*) – E ainda sobra. Toda noite a gente leva a sopa pros famintos da cidade.

CENA XII – O CAPÍTULO GERAL

SEGUNDO MOVIMENTO - Acolhida do coração ao chamado do Espírito para viver na fidelidade dinâmica o sonho de Paula.

(*Por milagre, se faz um profundo silêncio. Todas fecham os olhos. Escuta-se uma voz ao fundo. Abre-se a cena com as irmãs no mesmo lugar em que se encontravam, quando da primeira parte da cena do Capítulo Geral*)

IRMÃ GERAL: (*Com voz baixa de quem pretende fazer os ânimos se acalmarem, olhando para o céu*) – Cai a noite. Quase não dá pra ver estrelas no céu.

IRMÃ LÚCIA: (*Concentrada, fala reflexivamente*) – É nessas horas escuras que devemos ser sinais dos tempos!

(*De repente se escutará – em off – a voz da Irmã Paula como numa brisa.*)

IRMÃ PAULA: (*Com voz doce*) – Do que temos medo? É Natal. Olharam o menino na manjedoura... Fragilidade humana... Poder de Deus... Que Ele nos abra ao novo!... A vossa história continua e toca a vós, minhas Irmãs, escrevê-la hoje, deixando-vos conduzir pelo Espírito de Cristo, certas da proteção de Maria.

(*Então Irmã Regilma, de repente, tomada pela força do Espírito de Deus, fará o seu corpo dançar e cantar, batendo palmas e batendo o pé. No início, as Irmãs se entreolham e*

⁶⁶Áudio editado com dois pequenos trechos interconectados do vídeo “Dom HELDER CAMARA - O SANTO REBELDE”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bvURWRz7jIE>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

não conseguem entender nada. Ficam paradas. Mas depois, sem dar por isso, são contagiadas pela beleza e pela força de uma canção que emerge como a manifestação mais viva de um verdadeiro novo pentecostes.)

IRMÃ REGILMA: *(Dançando e cantando tomada por uma força espiritual impressionante) – Cantemos para Deus um canto novo⁶⁷. (Cantando animadamente) De repente nossa vista clareou! Clareou! Clareou! E descobrimos que o pobre tem valor. Tem valor! Tem valor! Nós descobrimos o valor da união, que é arma poderosa, e derruba até dragão (Repete com as irmãs sorrindo)*

IRMÃ GERAL: *(Levanta-se com confiança e sorrindo) – Sim! Então, que venha o novo, pois esse novo que nasceu entre nós é o lugar de sentido e trabalho de nossa missão! “Disponíveis para que Jesus transforme a nossa água em vinho novo”.*

IRMÃ LÚCIA: *(Confiante, olha para suas irmãs) – Há sempre um modo novo de fazer as coisas de sempre.*

IRMÃ GERAL: *(Fechando os punhos em sinal de disposição) – É isso. Vamos aonde houver maior necessidade de um maior serviço.*

IRMÃ REGILMA: *(Batendo uma mão na outra, com força, como a confirmar o que ouviu) – É assim que ouviremos ecoar da nossa fundadora: onde couber uma mulher, caberá uma Doroteia.*

JUNTAS de MÃOS DADAS: *(Levantando as mãos de forma vibrátil) – Avante com entusiasmo, Doroteias! Com Paula sempre... até o fim, no amor de Deus!⁶⁸*

TERCEIRA PARTE DO ESPETÁCULO: a FAFIRE enquanto espaço de missão

Neste instante, a FAFIRE vai se transformar em comunidade de envio... Duas imagens eu queria guardar para o alimento no caminho. A primeira, é a imagem da vela. Recordo oportunamente que D. Hélder não gostava das velas artificiais. Elas nunca se gastam; nunca diminuem de tamanho – dizia ele. Não podem ser, portanto, símbolo verdadeiro de nossa realidade humana. Ele gostava das velas naturais... feitas de cera comum... e que se gastam até o fim... Quando, então, o seu pavio bem pequeno, em meio à cera bem derretida, deixa um fiapo de luz resistindo à borda de escuridão. Ele ardendo o seu pálido hálito de luz... Até que, num dado tempo, o que resta de cera – tudo que nós fizemos no tirocínio da vida iluminada – apaga o que resta da chama. Com isso – e permitam-me que eu mantenha a metáfora que sustentou toda a peça teatral de hoje – quero dizer que a Congregação nasceu de um sonho da fé – Luz! Continua embalado pela coragem tenaz de todas as Doroteias – Velas! E dessas velas acessas, dia e noite, nasce a missão: gostar

⁶⁷Execução de um trecho da música “Nossa vista clareou” – Zé Vicente. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IDR-M99Yypuk>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

⁶⁸Execução de um trecho da música “Passeia Espirito Santo” - Edilson Maia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6LmAfkhPr4M>>. Acesso em: 28 jun. 2º16.

a vida para ser luz do mundo. Aqui, umas deram 50 anos de suas forças na educação. Outras deram 30 anos pela evangelização nas comunidades de inserção. Outras ainda estão abrindo novos horizontes de ação pastoral. E outras, por fim, dando seus primeiros passos vocacionais... A quantidade não importa. E sim saber que, ao se embrenhar no caminho, cada uma, entre todas, precisará de uma vida inteira para ser DOM de Deus! Eis o núcleo pulsante da espiritualidade. Cada uma, segundo os seus talentos, de acordo com suas disposições internas, à luz de um diálogo vivo com o Evangelho encarando na vida. A vida de carne e osso... com suas tristezas e alegrias... feridas e curas... quedas e cruces... sonhos e esperanças de beatitudes. Mas todas, porque Doroteias, um pão vivo a serviço do reino pela via do coração e do amor. Eis também o horizonte da ação pastoral. Mas, pela via do coração e do amor, quer dizer, de forma absolutamente simples – pela suavidade –, e profundamente reveladora – pela firmeza –, acolhida cordial, escuta solícita, convivência fraterna e trabalho em santidade. Por isso, Paula nos diz que pela via do coração e do amor, podemos conseguir tudo dos educandos e das formandas. Mas um pouco de cada vez. Quero dizer duas coisas: Primeiro: Não podemos formar todas as pessoas do nosso modo. Segundo: Elas precisam de tempo para “tornarem-se o que verdadeiramente são”. Portanto, não apresse na larva a borboleta... ela tem todo o tempo do casulo para gestar suas asas e maturar suas cores. E só a Primavera poderá decidir sobre sua beleza! Vamos, pois, irmãos e irmãs, pelo caminho da vida, levando estas máximas da sabedoria evangélica de Paula. Teremos, assim, notícias de alegrias. E alimento para renovar nosso propósito maior de construirmos mais 150 anos do sonho de Paula no coração da história do Brasil!⁶⁹



Foto: Irmãel Holanda

⁶⁹Musica de encerramento “Ô Seigneur de ma vie”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VKMOK4QXNVQ>>. Acesso em: 29 jun. 2016.



Foto: Ismael Holanda